

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TECNOLOGIAS  
EDUCACIONAIS EM REDE**

**Elaine Isabel Souza da Rosa**

**NARRATIVAS VISUAIS E SONORAS NA RESSIGNIFICAÇÃO DE  
SABERES**

**Santa Maria, RS  
2016**

**Elaine Isabel Souza da Rosa**

**NARRATIVAS VISUAIS E SONORAS NA RESSIGNIFICAÇÃO DE SABERES**

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação Profissional em Tecnologias Educacionais em Rede, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do título de **Mestre em Tecnologias Educacionais em Rede.**

Orientadora: Prof<sup>a</sup>.Dr<sup>a</sup>. Cláudia Smaniotto Barin

Santa Maria, RS – Brasil  
2016

Ficha catalográfica elaborada através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Central da UFSM, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Rosa, Elaine Isabel Souza da  
Narrativas visuais e sonoras na ressignificação de  
saberes / Elaine Isabel Souza da Rosa.-2016.  
64 p.; 30cm

Orientadora: Claudia Smaniotto Barin  
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa  
Maria, Centro de Educação, Programa de Pós-Graduação em  
Tecnologias Educacionais em Rede, RS, 2016

1. Narrativas visuais e sonoras 2. Utilização do  
celular como recurso educativo 3. Tecnologia da  
informação e comunicação 4. Pesquisa-ação 5. Problematização  
I. Barin, Claudia Smaniotto II. Título.

**Elaine Isabel Souza da Rosa**

**NARRATIVAS VISUAIS E SONORAS NA RESSIGNIFICAÇÃO DE SABERES**

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação Profissional em Tecnologias Educacionais em Rede, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do título de **Mestre em Tecnologias Educacionais em Rede.**

**Aprovado em 18 de janeiro de 2016:**

---

**Cláudia Smaniotto Barin. Dra (UFSM)**  
(Presidente/orientadora)

---

**Ricardo Machado Ellensohn. Dr. (UNIPAMPA)**

---

**Márcia Palma Botega. Dra (UFSM)**

Santa Maria, RS  
2016

## RESUMO

### NARRATIVAS VISUAIS E SONORAS NA RESSIGNIFICAÇÃO DE SABERES

Autora: Elaine Isabel Souza da Rosa

Orientadora: Claudia Smaniotto Barin

O foco investigativo deste trabalho consiste na valorização da autoexpressão dos estudantes mediante narrativas visuais e sonoras, possibilitando, por meio da oralidade, explorar os sentidos e a razão. Trabalhou-se numa perspectiva de pesquisa-ação participativa, desenvolvida com os estudantes do Ensino Fundamental, séries finais, especificamente o 8º ano, envolvendo um total de 27 estudantes, de uma escola pública da rede Estadual no município de Santa Maria – RS. A proposta busca responder a questão: Qual é o papel do indivíduo inserido neste contexto socioambiental? Tal questionamento direciona para a busca de um papel de protagonismo e co-autoria na interpretação, criação e recriação da realidade, potencializando o desenvolvimento da autonomia, interdisciplinaridade e contextualização, mediante a identificação de temas utilizando a pesquisa como base para construir as ações e encontrar as resposta com relação a problematização selecionada. A pesquisa se desenvolveu no ano de 2015, tendo como objetivo geral: utilizar a expressão oral e visual e, através delas, construir percepções e conceitos que possibilitem a expressão de idéias e sentimentos, além de estruturar as ações, mediante a utilização dos dispositivos móveis. Os objetivos específicos são: Identificar temas ambientais; levantar os principais problemas ambientais na comunidade onde vivemos; elaborar de forma colaborativa estratégias de resgate da realidade para a compreensão do tema ambiental; utilizar os dispositivos móveis como suporte para a coleta e divulgação dos dados da pesquisa; explorar a partir dos dispositivos móveis a expressão oral e visual dos estudantes e construir estratégias para a compreensão do problema estudado, bem como sua socialização com a comunidade local. Os celulares seriam utilizados para registrar os dados relevantes como imagens, som, os relatos e pesquisar na internet, comprovando que o uso das tecnologias na sala de aula modifica o processo de ensinar e aprender, valorizando o estudante e trazendo novas perspectivas para o aprendizado. Os resultados obtidos foram: palestra com o curso da Veterinária da UFSM, elaboração de uma carta para a prefeitura de Santa Maria, informando sobre o trabalho que desenvolvíamos na escola e comunidade, como também solicitar apoio no desenvolvimento do mesmo, criação de um texto conclusivo, elaboração de propostas para a solução do problema, destacando a criação da página no facebook como sugestão chave para englobar as proposições dos grupos. O uso de dispositivos móveis, cada vez mais presentes na vida cotidiana, além de ser prático, multifuncional, portátil e leve, permite potencializar o acesso a informação, criando um link entre possibilidades e conflitos que o seu uso provoca no interior das instituições de ensino.

Palavras-chave: Narrativas visuais e sonoras, celular, TIC.

## **ABSTRACT**

### **SOUND AND VISUAL NARRATIVES' ROLES IN THE REESTABLISHMENT OF MEANING**

Author: Elaine Isabel Souza da Rosa

Thesis Advisor: Claudia Smaniotto Barin

The goal of this work is to demonstrate the value of students' self-expression through visual and sound narratives, allowing an exploration of sense and reason. The work is focused on a participative action-research, developed with high school students, specifically grade 9th, in a total of 27 students from the public school system in the city of Santa Maria, RS. The research aims to answer the following question: What is the role of the individual in this socio-environmental context? This question leads to the search of a protagonist and co-authorship role in interpretation, creation and re-creation of reality that fosters the development of autonomy, interdisciplinary and contextualization. This is achieved through the identification of themes using the research as a basis to build actions and find the answer related to the selected problem. The research was carried out in 2015 and its overall goal was to apply visual and oral expression and through them build perceptions and concepts that allows the expression of ideas and feelings, as well as establish actions through the use of mobile devices. The specific goals are: to identify environmental themes; to define the main environmental problems in the community we live; to come up with collaborative strategies to bring forth our reality for the better understanding of the environmental theme; to use the mobile phone as a supporter the collect and publish the data, to explore student's oral and visual expression through and to build strategies for the comprehension of the problem at hand as well their socialization with the local community. Mobile phones were used to register relevant data such as images, sound, testimonies, and also for internet research, proving that the use of technology in the classroom modifies the process of teaching and learning, giving value to the students and bringing new perspectives to the learning experience. The results obtained were: a lecture with the Veterinarian class from UFSM, the writing of a letter to the city hall informing them of the project underway in the school and in the community, as well as asking for support in the project's development. The writing of a final reflective text, the suggestions of solutions to the problem giving emphasis to the creation of a Facebook page to bring the groups suggestions together. The use of mobile phones, a device every day more present in our lives, is not only practical, multifunctional, portable and light, but is also allows faster access to information, which creates a link between the possibilities and conflicts that its use fosters inside the learning institutions.

Keywords: visual and sound narratives, mobile phones, ICT

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>07</b>
<b>1.1</b>	<b>Contextualização.....</b>	<b>07</b>
<b>1.2</b>	<b>Questão da Pesquisa.....</b>	<b>12</b>
<b>1.3</b>	<b>Objetivos.....</b>	<b>12</b>
1.3.1	Objetivo Geral.....	13
1.3.2	Objetivos Específicos.....	13
<b>2</b>	<b>REFERENCIAL TEÓRICO.....</b>	<b>14</b>
<b>2.1</b>	<b>O Conhecimento, o Saber e Construção do Sujeito.....</b>	<b>14</b>
<b>2.2</b>	<b>A Expressão Oral na Construção do Sujeito.....</b>	<b>18</b>
<b>2.3</b>	<b>Narrativas Visuais Como Forma de Linguagem e Expressão.....</b>	<b>21</b>
<b>2.4</b>	<b>Tecnologias Móveis e a Linguagem Digital na Construção de Saberes....</b>	<b>23</b>
<b>3</b>	<b>METODOLOGIA.....</b>	<b>26</b>
<b>4</b>	<b>RESULTADOS E DISCUSSÕES.....</b>	<b>30</b>
<b>4.1</b>	<b>Sensibilização.....</b>	<b>31</b>
<b>4.2</b>	<b>Reflexão e Posicionamentos.....</b>	<b>32</b>
<b>4.3</b>	<b>Elaboração do Texto Colaborativo.....</b>	<b>39</b>
<b>4.4</b>	<b>Observação e Relato dos Problemas Ambientais da Vila.....</b>	<b>41</b>
<b>4.5</b>	<b>Narrativas das Questões Ambientais.....</b>	<b>43</b>
<b>4.6</b>	<b>Ações Desencadeadas.....</b>	<b>50</b>
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>55</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>57</b>
	<b>ANEXOS.....</b>	<b>61</b>

## INTRODUÇÃO

### 1.1 contextualização

No decorrer de minha caminhada como docente, constatei que os alunos a partir do 5º ano iniciam em uma fase onde as expressões orais e escritas não ocorrem espontaneamente, surgindo assim a necessidade de resgatar a espontaneidade da oralidade nos estudantes ao posicionarem-se em sala de aula. Entretanto, nestas duas décadas de atuação no magistério público estadual vivenciei incontáveis momentos de transformações e mudanças que me impulsionaram para uma constante atualização dos conhecimentos necessários no desempenho da função de professora no ensino básico.

No início da carreira, ao trabalhar com alunos em processo de alfabetização, o que me impulsionou a buscar novos conhecimentos foi o fato de que alguns alunos aprendiam naturalmente as noções necessárias para desvendar o mundo da escrita e da leitura, enquanto outros sofriam com todo este processo e isso me direcionou para buscar respostas com relação às dificuldades de aprendizagem e, assim realizei a primeira Pós-Graduação na área da Psicopedagogia com o título: O Psicopedagogo na Instituição Escolar, visando encontrar respostas para a minha ação, cujas auxiliariam na solução dos problemas relacionadas aprendizagem dos alunos.

Um novo desafio na área de gestão, especificamente como Coordenadora Pedagógica nas séries iniciais, estabeleceu um novo rumo em busca de respostas para os problemas observados: elaborar ações conjuntas para solucionarmos os problemas comuns. A valorização das idéias individuais tinha como propósito a sua socialização que fortalecia a ação conjunta, tornando os professores fortes enquanto grupo para propor e realizar as mudanças consideradas necessárias no enfrentamento dos problemas detectados, tendo como suporte a presença dos pais nas ações.

A base para as nossas ações se deu através do Centro de Educação da UFSM, através do Projeto do Professor Francisco Estigarríbia que juntamente com

alguns alunos juntou-se ao grupo de professores das séries iniciais e desenvolvemos as noções necessárias para elaborar e trabalhar em forma de projetos. Durante dois anos trabalhou-se a formação de professores e a reformulação dos currículos mediante a seleção de conteúdos, introduzindo-se conceitos como contextualização e interdisciplinaridade a partir da pesquisa. Nos estudos de formação aprofundamos as idéias de Paulo Freire e nas leituras e reflexões descobrimos a educação problematizadora.

A lição aprendida é que a verdadeira educação não se faz isoladamente, presa no mundo limitado da sala de aula, mas sim mediante trocas entre os envolvidos no processo, que conjuntamente contribuem na resolução dos problemas cotidianos, estruturando os conteúdos necessários a partir desta ação.

Diante de uma nova escola e outra realidade igualmente desafiadora foi necessário reconstruir um novo olhar para este ambiente recheado de necessidades e carente de atenção. Trazia na bagagem uma experiência enriquecedora, uma mente povoada de idéias, um misto de curiosidade e medo. Esse ambiente exigia um conhecimento aprofundado, global diante de tantos questionamentos que fazia brotar em minha mente e que não sabia a resposta. Era preciso ir além do que possuía como referência, como base e com isso fui fazer a segunda Pós-Graduação na área de Educação Ambiental, um estudo de caso que analisou a percepção dos alunos sobre a realidade socioambiental.

Compreendi que a preocupação com o meio físico transcende e envolve outros aspectos como o social, o econômico, o político e assim a pesquisa direcionou para a questão socioambiental. A urgência na reconstrução deste olhar sobre o meio ambiente onde estavam inserido esses alunos fazia-se necessário devido aos conflitos e possibilidades que necessitavam de respostas. Compreender esta realidade perpassa pela construção do conceito de indivíduo, diante de uma coletividade e de seu papel inserido neste contexto de violência, desigualdade, falta de oportunidades, injustiças, etc.

Através de um trabalho de pesquisa constante, tendo como base a educação problematizadora de Paulo Freire, as ações foram elaboradas a partir dos temas que nos direcionam para a construção de conhecimentos necessários para a compreensão e intervenção da realidade que nos envolve. As nossas escolhas

interferem no cotidiano e na sociedade e determinam o rumo da história de cada um, compartilhada por um grupo de indivíduos, que se modifica e se transforma mutuamente.

Estudar e compreender os conceitos atuais são, sem dúvida, necessários e urgentes. Diante das inúmeras possibilidades que o acesso a internet nos proporciona, compartilhar é um fato, porém selecionar é um desafio que nos deixa vulneráveis e inseguros. Este problema e tantos outros questionamentos me conduziram a realizar este último estudo relacionado às Tecnologias Educacionais em Rede.

Relacionar o que foi construído de conhecimento nestas duas décadas e mesclar às tecnologias é amplamente complexo. Saber o que agregar e o que descartar ou reformular não é uma simples escolha, requer coragem para desapegar de conceitos que foram construídos a partir de vivências e se tornaram significativos, conseqüentemente, difícil de aceitar que não se encaixam mais nos tempos atuais, necessitando excluí-los ou desmontar sua estrutura rígida. Porém é imprescindível acompanhar os novos tempos, vital para qualquer indivíduo que queira manter-se saudável e integrado.

Nossa sociedade retrata um cenário de contrastes, reforçados e enraizados por um contexto histórico, cultural e econômico, que delinearão a história do país. As sequelas dessas desigualdades entranharam-se, naturalmente, nos desafios cotidianos dos indivíduos, tornando-se perceptíveis na reestruturação de valores, concretamente expostos a partir das ações individuais e ou corporativas.

Focalizando neste cenário atual, a evolução da internet nas últimas décadas, possibilitou o acesso a uma pluralidade de informações ao alcance de um toque, além de levar-nos à questionamentos sobre a linha tênue que se interpõe entre o real e o imaginário. A cultura digital advinda destes avanços provocou a necessidade de reestruturação de valores, concepções e conceitos indispensáveis à liberdade de ir e vir, determinados por este espaço - tempo que compartilhamos.

Atualmente, os indivíduos são estimulados a uma constante busca e adaptação à modelos que se transformam rapidamente e nos mostram uma realidade fugaz, superficial e inconstante, fruto, segundo Castells (2003) da “força da

informação que domina toda a atividade humana”, organizada pela internet e que proporciona “flexibilidade e adaptabilidade inerente a um ambiente de rápida mutação”. Tal realidade avança em todos os domínios da sociedade e “desestruturando organizações verticalmente compostas e burocracias centralizadas”, provoca mudanças mediante a introdução da informação e das tecnologias de comunicação a partir da popularização no uso do computador e das tecnologias móveis.

Há, certamente, ao nos referirmos à flexibilidade, uma idéia de que o acesso a inúmeros aplicativos disponíveis, não só nos computadores domésticos ou portáteis, mas também em dispositivos móveis, podem proporcionar o alcance a informação de forma mais rápida e eficiente, visto que ela supre uma necessidade momentânea ou mesmo uma curiosidade. Esta possibilidade de comunicar-se “muitos com muitos”, nas colocações de Castells (2003), reestruturou as relações e recriou novos conceitos na reelaboração de sentimentos e laços, porém não resolveu o obstáculo em interpretar os novos tempos através da busca de uma amplitude de conceitos.

Avanços nas telecomunicações, oportunizados pela evolução da microeletrônica e da introdução da televisão digital, tornou possível uma programação mais interativa, pois estimula os telespectadores a interagirem no programa, valorizando sua opinião e sua participação, conectando uma diversidade de ideias e conhecimentos, responsáveis por ampliar e construir novas concepções até então restritas a uma visão bairrista ou local. De forma menos superficial, colocar-se-ia em pauta o que se oculta nas ações das emissoras, aspectos que a Filosofia e a Sociologia poderiam estudar. Segundo Castells (2003), a conexão entre linguagem, característica especificamente humana e os aportes técnicos fornecidos pelas novas tecnologias redimensionaram uma nova estrutura na comunicação e expressão dos indivíduos.

Os contrastes entre uma realidade possível e outra imaginada, sonhada e desejada, não se limita ao real e ao imaginário proposto pelo acesso as tecnologia de comunicação, mas sim, a uma realidade cotidiana que envolve o mundo de algumas escolas pública do nosso país, onde o acesso a esta realidade informacional está submetida a entraves burocráticos e legais. Neste caminho

tortuoso de empecilhos e impossibilidades, encontramos uma formação precária, deficiente, impedindo que se tenha uma atuação condizente com os desafios cotidianos que um educador encontra na sua realidade de atuação. Os maiores entraves encontram-se no despreparo dos gestores que impõem limitações a partir de suas decisões, escolhas e gestos, fruto a uma aderência a conceitos antigos e ultrapassados, como expressa Kenski (2012, p. 80): “Que o principal desafio oriundo da introdução das novas tecnologias de comunicação e informação nas instituições educacionais diz respeito à gestão”.

Uma das características marcantes de nosso país é a diversidade cultural que tem sua raiz na história, porém esta diversidade também se encontra na possibilidade de usufruir os benefícios do mundo digital e do acesso a informação, que não estão acessíveis a todos, igualmente. Professores e gestores buscam estratégias para atrair e cativar o aluno para que permaneça no ambiente escolar, indo além da aplicação de leis coercitivas e de ações assistencialista, conscientes das disparidades entre o mundo dentro da escola e fora dela. A maior problemática é tornar o seu interior atrativo e desafiante quanto o seu exterior que é bombardeado por uma chuva de informações que chegam à velocidade das curiosidades e anseios presentes nas mentes juvenis. Este dado compete com uma escola pública restrita de recursos básicos, quiçá de computadores modernos, internet, acesso às redes sociais, etc.

A evolução dos celulares para *smartphones* possibilitou ao aluno o acesso às informações e às redes sociais de qualquer lugar, inclusive na escola, porém trouxe consigo uma legislação que pune e limita o seu uso, provocando atritos e discussões no interior das instituições de ensino entre alunos, professores e pais. Entre tantos choques de opiniões, condutas, ações e ideias que eclodem no interior da escola, cuja reflete a realidade social que vivemos, impelem professores e gestores a encontrarem um equilíbrio tão necessário para que se efetive a formação das gerações mais novas, pois segundo Castells (2003, p.9) “a volatilidade, a insegurança, a desigualdade e a exclusão social andam de mãos dadas com a criatividade, a inovação, a produtividade e a criação de riquezas”, determinando escolhas que dimensionam e selecionam informações básicas para a formação

destes indivíduos, numa perspectiva de torná-los autônomos, como especifica a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei 9394/96).

Mediante a estes inúmeros desafios e possibilidades que se interpõe perante nossos olhos, colidem questionamentos em nossa mente com relação às escolhas possíveis na seleção de nossas ações no cotidiano escolar. Sabe-se que o rumo que devemos tomar para encontrar as resposta passa por uma reflexão cuidadosa das questões que selecionamos para guiar o nosso caminho ao encontro do que julgamos mais apropriado para seguir. Nesta perspectiva descrevo posteriormente a seleção dos questionamentos que julgo terem maior relevância.

## **1.2 Questões da Pesquisa**

De que modo as Tecnologias da Informação e da Comunicação (TIC) possibilitam a resignificação de saberes, considerando o papel do indivíduo inserido no contexto socioambiental?

Com o objetivo de resolver o problema de pesquisa, apresentam-se as seguintes questões norteadoras:

- Como as narrativas sonoras e visuais podem auxiliar na construção do sujeito?
- Como as TIC podem facilitar o papel do professor como mediador do processo de ensino-aprendizagem?
- Quais são os aspectos da intervenção pedagógica mediados pelas TIC que podem ser reelaborados a partir da reflexão da prática docente, com base nos avanços e desafios enfrentados na sala de aula?

## **1.3 Objetivos**

### 1.3.1- Objetivo Geral

Utilizar a expressão oral e visual e, através delas, construir percepções e conceitos que possibilitem a expressão de idéias e sentimentos, além de estruturar as ações, mediante a utilização dos dispositivos móveis.

### 1.3.2 - Objetivos Específicos

- \* Identificar temas ambientais a partir da leitura, reflexão e discussão do texto: Azul e Lindo: Planeta Terra, Nossa Casa;

- \* Levantar quais os principais problemas ambientais na comunidade escolar e comunidade onde vivemos;

- \* Elaborar de forma colaborativa estratégias de resgate da realidade para a compreensão do tema ambiental – problema estudado;

- \* Utilizar os dispositivos móveis como suporte para a coleta e divulgação dos dados da pesquisa;

- \* Explorar a partir dos dispositivos móveis a expressão oral e visual dos estudantes.

- \* Construir estratégias para a compreensão do problema estudado, bem como sua socialização com a comunidade local.

## REFERENCIAL TEÓRICO

### 2.1 O conhecimento, o saber e construção do sujeito

O contexto atual nos impulsiona à reflexões mais aprofundadas, considerando o processo histórico em que estamos inseridos, consciente de que as transformações são decorrência do processo de aprender. O conhecimento, resultado final deste processo, é vital para que as gerações se perpetuem, além de proporcionar liberdade aos indivíduos que o detém, sua autonomia diante dos desafios que o meio lhes apresenta, também representa uma forma de domínio sob os que ainda não o conquistaram. Portanto, conceituar aprendizagem, mesmo que de uma forma simplificada já se torna amplamente complexo, pois desde a antiguidade havia a preocupação em compreender como as noções de conhecer e aprender se efetivava concretamente mediante as ações dos indivíduos, estimulando estudiosos e pensadores elaborarem as primeiras teorias.

Entre tantos conceitos, aprendizagem, segundo o dicionário de sinônimos online, pode-se citar como estudo, aquisição, conhecimento, treinamento, instrução, treino exercício, experiência, prática, preparação, aonde cada palavra nos conduz a novos significados. Se selecionarmos, por exemplo, a palavra conhecimento, o site nos encaminha para oito sentidos que ela pode sugerir, isto é, ela pode ser vista como ciência, sabedoria, compreensão, experiência, convivência, notícia e noções, estabelecendo cinquenta e cinco conceitos somente para a referida palavra e assim sucessivamente. Se buscarmos o significado de cada uma, encontraremos novos sentidos que comprovam a complexidade na definição e explicação deste termo, imagina-se, provavelmente, o quão complicado seria definir uma corrente de ideias ou linha de pensamento que comungam entre si.

A palavra aprendizagem (BUENO, 2007, p. 78) nos remete a aprendizado, que por sua vez, indica ação de aprender, nos conduzindo ao significado tomar conhecimento, ficar sabendo, instruir-se, reter na memória. Também é considerada como processo "de aquisição de conhecimento que permite a experiência de transformação dos seres humanos, que se modificam ao aprender" (Blog Espaço e

Saberes), de construção do conhecimento permanente, pois considera o “ser humano como alguém que transforma e é transformado nas relações que acontecem em uma determinada cultura” (CASTRO, SANTOS & CRUZ, 2013, p. 555), devido a uma interação recíproca que se estabelece durante toda a vida entre o indivíduo e o meio social e cultural em que se insere, onde um influencia o outro, a partir de uma atividade organizadora, capaz de renovar a própria cultura. “O aprender tem uma dimensão individual que se processa coletivamente, mediada por instrumentos, signos e procedimentos que possibilitam relações dos sujeitos entre si e objetos.” (ROSS, p. 289). O sujeito só aprende na relação com o outro e, portanto deve contribuir com sua experiência e seu poder de decisão, porque ninguém é portador de verdades absolutas, logo, a “aprendizagem supõe a interferência do outro” (WERNECK, 2006, p.185).

É fundamental para a aquisição do conhecimento a ação do sujeito, onde a interação do mesmo com objeto ocorre de forma ativa, marcado por uma intencionalidade. Para o construtivismo, a aprendizagem resultaria de um processo de construção individual do sujeito a partir de suas representações internas. É um processo que ocorre mediante a interpretação pessoal, que pela experiência, conferiria um significado ao objeto do conhecimento (WERNECK, 2006).

O conceito de aprendizagem significativa, proposto originalmente na teoria de aprendizagem de David Ausubel (1963, 1968), segundo Berlitz (2009) é compatível com outras teorias construtivistas como a de Joseph D. Novak (1977, 1981), que deu um enfoque humanista à proposta. Segundo Novak, (BERLITZ, 2009) “a aprendizagem significativa subjaz à integração construtiva entre pensamento, sentimento e ação que conduz ao engrandecimento humano”, pois o ser humano não é só cognição, ele conhece, sente e age. Durante muito tempo trabalhou no refinamento, testagem e divulgação da teoria da aprendizagem significativa, caracterizando-a como uma ação para trocar significados (pensar) e sentimentos entre aprendiz e professor, cujo objetivo dessa troca é a aprendizagem significativa de um novo conhecimento contextualmente aceito.

Continuando com as colocações, Berlitz (2009), defende que para aprender de maneira significativa o aprendiz deve estar predisposto e querer relacionar o novo conteúdo de maneira não-literal e não-arbitrária ao seu conhecimento prévio, evidenciando-se desta forma, a importância do domínio afetivo presente na proposta

de Ausubel. É devido a esta interação que o conhecimento prévio se modifica, mediante a aquisição de novos significados.

Essa interação também defendida por Vygotsky (1988, p. 60), entre o nível social e individual é resultado da internalização de signos produzidos culturalmente, isto é, da reconstrução interna da atividade externa. Tal processo ocorre ao longo do desenvolvimento do indivíduo, considerado como sujeito interativo, cuja constituição ocorre simultaneamente à apropriação do saber e do fazer social.

Portanto, conceituar e retratar a aprendizagem humana é desafiador pelo fato que se busca compreender o que ocorre primeiramente no íntimo do indivíduo. O que ocorre após, emoldurado a partir das ações, são reflexo das transformações internas do ser humano e que observamos concretamente no meio físico, seja através das várias formas de expressão, como a fala, os gestos e atitudes ou de obras.

Quando se sentiu desafiado por alguma imposição do meio a utilizar a “mais alta e talvez a mais pura atividade de que os homens são capazes, a atividade de pensar” (ARENDR, 2007, p.13), estabeleceu o primeiro degrau na sua evolução, na busca do conhecimento e do aperfeiçoamento na dimensão de ser e existir. Em nome de sua sobrevivência e de sua perpetuação “o homem primitivo associou as duas grandes ferramentas naturais: o cérebro e a mão criadora com a utilização dos recursos naturais (KENSKI, 2012, p.20), criando a ciência desde o princípio, a partir de sua existência.

A marca da evolução não se encontra apenas no aspecto externo do indivíduo e no meio, mas em imagens inconcebíveis no campo interno do homem. Vislumbra-se sua evolução interior acompanhando o caminho da evolução científica e tecnológica. O interatuar do homem, que consiste em uma ação respondendo aos desafios do meio, abriu caminhos para a construção gradativamente mais complexa da elaboração do pensamento e da linguagem, estabelecendo, segundo Kenski (2012) que as tecnologias não são apenas produtos e equipamentos, envolvem um campo amplo da expressão humana, configurando-se nas diversas formas de linguagem oral, escrita e digital que se desenvolvem a partir das tecnologias da inteligência que são resultados da construção internalizadas da memória.

Nomear ou descrever conceitos que justifique as evoluções é amplamente complexo, pois nos enredamos numa multiplicidade de especificações e dados que muitas vezes são empregados equivocadamente. No decorrer da história, filósofos e cientistas criaram inúmeras teorias para explicar o desenvolvimento humano relacionando-o com a aprendizagem, demonstrando como interagem a partir das diferentes concepções de homem e da forma como ele conhece o mundo e a si próprio.

Entretanto, numa perspectiva conceitual que ultrapassa o conceito de teoria, (COBO; MORAVEC, 2011, p.23) defende uma proposta denominada aprendizagem invisível que procura integrar uma diversidade de enfoque em relação a um novo paradigma da aprendizagem, com vistas para o desenvolvimento do potencial humano, considerando o impacto dos avanços tecnológicos e as transformações que correram na educação forma e informal, propondo integrar ideias e perspectivas em construção.

Para os autores, a educação gira em torno da aprendizagem que deve ser entendida como um contínuo, que se prolonga durante toda a vida, em qualquer momento e lugar, portanto este enfoque não se restringe a um espaço ou momento particular, mas busca desencadear reflexões e ideias a partir de doses contínuas de criatividade, trabalho colaborativo e experimentação buscando traduzir o conhecimento mediante novas formas.

Com isso, emergem novas aplicações das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) na aprendizagem determinando competências, conhecimentos e destrezas compatíveis com o mundo globalizado, com vistas a impulsionar a formação de agentes do conhecimento, incrementar os níveis de empregabilidade e ampliar as dimensões da aprendizagem tradicional.

Para o autor é uma alternativa para ver a aprendizagem com outros olhos, ou com os próprios olhos (COLOMBO E BERBEL, 2007, p.125), ou seja, observar a realidade em si e definir o problema é a primeira etapa da metodologia da problematização apresentada pelas autoras em seus estudos, para que depois os participantes possam realizar suas pesquisas e contribuir para a transformação da

realidade observada. Estas concepções demonstram que o invisível não é o que não existe e sim aquilo que não é possível observar.

A defesa desta concepção, segundo Cobo e Moravec (2011), busca salientar a ruptura entre o conhecimento explícito, muito valorizado pela educação tradicional e o tácito, ignorado por ela. O primeiro é visível e fácil de observar, codificar ou verbalizar enquanto que o segundo é pessoal, portanto mais complexo. Reforçando esta colocação (COBO; MORAVEC, 2011, p.26 apud POLANYI, 1958) defende que “*enseñamos más de lo que podemos evaluar*”, pois nem tudo que se aprende dentro da educação formal é reconhecido com aprendizagem. Por esta colocação percebe-se que se subjugou o currículo oculto que provoca aprendizagens imensuráveis nos indivíduos.

Portanto, a era atual tem possibilitado o despertar de diversidades, de conexões e combinações mediante ao uso de ferramentas, ampla e gradativamente mais difundidas, que são utilizadas para apoiar a aprendizagem, devido ao uso das TIC, sugerindo que existe talento e inquietude, resultado do desenvolvimento de novas habilidades e aprendizagens que são invisíveis, porém fundamentais para unir esta criatividade e pensar uma educação diferente. É um convite a produzir novos questionamentos, contudo, através da mudança nas perguntas, para efetivar um diálogo aberto e provocativo.

## **2.2 A expressão oral na construção do sujeito**

As ideias dissolvem os acontecimentos que são marcados pela linguagem (FOUCAULT, 1992 p.22), que juntamente com o pensamento traduz e reconstrói o conhecimento por meio da palavra, ideia ou teoria (MORIN, 2000, p.20), considerada como um milagre, uma habilidade tão incrível que o ser humano não dá o devido valor, pois com ela “uma pessoa pode gerar imagens na mente de outra com refinada precisão: pode despertar curiosidade, aguçar a imaginação, manipular ideias, mudar atitudes, gerar conflitos”, simplesmente com o uso da palavra.

Esta faculdade distingue o homem de outros animais (DIAS; GOMES, 2008 p.19). Segundo as autoras, mesmo que classificamos a linguagem de diversas formas como, por exemplo: linguagem corporal, computacional, matemática, linguagem dos animais, a linguagem verbal é por excelência um instrumento para a interação que se utiliza de um código comum entre as pessoas, denominado língua, para formar um determinado núcleo social, cuja ideia é defendida nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN):

O domínio da língua tem estreita relação com a possibilidade de plena participação social, pois é por meio dela que o homem se comunica, tem acesso à informação, expressa e defende pontos de vista, partilha ou constrói visões de mundo, produz conhecimento. (BRASIL, 1997, vol. 2, p. 23).

Ainda tendo como referência os PCN em sua conceituação de língua, cuja é considerada um “sistema de signos histórico e social que possibilita ao homem significar o mundo e a realidade”, em que seu aprendizado ultrapassa o conhecimento de palavras, mas agrega os significados culturais, ou seja, a maneira com as pessoas “entendem e interpretam a realidade e a si mesmas” (p. 24). E, portanto, a linguagem verbal possibilita ao homem representar e organizar o seu pensamento e sua ação, como também a de seu interlocutor, influenciando-se mutuamente e estabelecendo relações interpessoais.

Para (KENSKI, 2012), a linguagem oral é a forma de expressão mais antiga, e constitui-se na atualidade no principal recurso de comunicação e troca de informações, sendo a mais utilizada pelos meios de comunicação populares, rádio e televisão. Manifesta uma estruturação complexa demonstrando a evolução humana, tanto no aspecto biológico quanto no psíquico, social e cultural, na sua tentativa de primeiramente definir, nomear e delimitar o mundo a sua volta.

Santaella (2010) defende que “a primeira tecnologia de linguagem é o aparelho fonador que se desenvolveu em nosso corpo por uma questão de sobrevivência adaptativa da espécie humana”, que através dela as sociedades tribais transmitiam “as narrativas necessárias para a preservação de suas culturas”. Marcada pela evolução do próprio homem na recriação e de seu espaço e na tentativa de entender a complexa relação do mesmo com os semelhantes e o meio,

a linguagem oral, gradativamente foi se tornando mais complexa, caracterizando cada grupo, suas culturas e evoluções.

Desde as sociedades orais até aos dias atuais, alguns recursos ainda são utilizados, como a utilização da forma circular e informações carregadas de sentimentos e afetos, para repassar aos sucessores a aprendizagem conquistada. Inicialmente, se caracterizavam pelas repetições, memorizando os ensinamentos e as inovações da época, utilizando o movimento (dança, gestos, músicas, expressões faciais) para fazer-se perpetuar os conhecimentos. Atualmente, prevalecem as imagens, os sons, igualmente com o apelo afetivo, porém com um forte foco comercial, na exposição de ideias e informações, valores e comportamentos, mensagens que são ensinadas, principalmente em volta da televisão (KENSKI, 2007, p.28-29).

As transformações que se sucederam no decorrer da história, marcando cada época com um determinado aparato tecnológico, sempre esteve sustentado na palavra, responsável segundo Freire (1987, p.44) pela transformação do mundo, que ainda, segundo o mesmo autor, “não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho e na ação-reflexão.”

A palavra brota dos sentidos, nasce do esforço de explicar e entender a explosão de sensações ao nos depararmos com os desafios da vida. Estas vivências penetram pelo olhar, envolvem a alma com um turbilhão de sentimentos que reclamam em sair pela boca, pelos gestos, pelas expressões do corpo, após serem degustadas lentamente em nosso espírito.

Nos dias atuais, de acordo com Leal e Gois (2012, p.162) estudiosos como Dolz, Schneuwly e Haller (2004) defendem que a linguagem oral vai além do “aprender a falar”, envolvendo capacidades, conhecimentos e atitudes que não são aprendidos espontaneamente e precisam ser ensinados sistematicamente na sala de aula, porém não estão recebendo a atenção que deveriam, deixando com isso muitas habilidades de lado como, por exemplo:

“usar a língua falada em diferentes situações escolares e extraescolares, buscando empregar a variedade linguística adequada; planejar a fala em situações formais; participar das interações, expondo opiniões, nos debates com os colegas de turma e outras pessoas”

Segundo as colocações das autoras, de acordo com os PCN (Brasil, 1997, p.67), as habilidades referidas na citação acima determinam que uma das funções da escola seja “possibilitar o acesso a usos da linguagem mais formalizados e convencionais” “tendo em vista a importância que o domínio da palavra pública tem no exercício da cidadania”, aspecto fundamental para indivíduos conscientes de seu papel na sociedade.

Possibilitar as trocas verbais entre os alunos, para que possam expor suas vivências ou experiências pessoais, contribui na construção de um repertório de conhecimento que possibilitará criação de conteúdos para as atividades escritas, nas concepções de Leal e Gois (2012, p. 31). Esta concepção subsidiou as atividades da escrita colaborativa, considerada como uma forma de apropriação coletiva de conhecimento, construída sob a perspectiva de cada aluno na interpretação ao desafio lançado e nas escolhas das soluções que cada um manifestava para o mesmo. As respostas foram mescladas para produzir um resultado mais abrangente, fato que não provocaria os mesmos resultados se a atividade fosse feita de forma individualizada, sem os relatos orais recheados de vivências e experiências.

Para as autoras acima citadas, as trocas verbais também dariam suporte na interpretação de textos, como também desenvolveriam habilidades na aprendizagem da própria oralidade, pois os alunos sentiram-se mais seguros ao expor suas opiniões e conhecimentos.

### **2.3 Narrativas visuais como forma de linguagem e expressão**

Toda imagem é "linguagem", ou seja, se faz em função de processos de modelagem que constituem mundos possíveis. (PARENTE, 1999, n.p.)

Segundo o autor anteriormente citado, este recorte intitulado imagem, representa a sintetização de construções elaboradas pelo sujeito que a produza e que conduz à codificação do indivíduo que a interpreta e sente, desencadeando uma

ação de reciprocidade entre o produtor e o receptor. Com isso, esta produção de linguagem, possibilita uma elaboração de um discurso que representa a realidade em que se inserem, a partir de uma construção momentânea, dotada de significado e valor, compartilhado com os pares que comungam determinado espaço - tempo.

A realidade, sob uma ótica concreta ou virtual, pode ser reproduzida a partir de uma imagem, cujo valor fundamental está na fé perceptiva do espectador na codificação da mensagem, independentemente do meio utilizado para compô-la. Portanto consiste em um grande desafio para quem produz imagens, saber em que sentido é possível extrair os rótulos para que se possa permitir a crença no mundo em que vemos a partir da imagem refletida, recortada, para que não pareça ficção e venha contribuir para a “desmaterialização do mundo” (PARENTE, 1999, n.p.).

Se através da visão uma imagem é percebida como verdadeira é porque ela é equivalente à sua representação mental, porém, contrapondo-se a esta perspectiva, vislumbra-se a possibilidade de transformar-se em algo possível, concreto, mesmo que “pareça já ter sido programada, preestabelecida, construída, calculada de forma a nos tirar o poder de fabulação”. Ainda nas colocações de Parente (1999, n.p.)

“As novas tecnologias da imagem não são representantes de uma racionalidade tecnocientífica que levaria necessariamente ao esquecimento do ser, mas sim formas de subjetividade que engendram processos de modelização os mais diversos que podem vir a liberar (ou não) as forças criadoras.”

No mundo contemporâneo, a imagem emerge com uma força latente no papel de construir a subjetividade, penetrando o campo da visão e produzindo sensações, desafiando os outros sentidos a construírem as concepções e conceitos. Esta construção pode ser complexa e constitui em um dos desafios de nossos tempos, pois está envolto por uma intrincada e múltipla gama de estímulos, tais como imagem, som, luz, cores e palavras que produzem em nossas mentes uma variedade de mensagens, contribuindo para a construção de nossa subjetividade e afeto (PARENTE 1999).

Segundo Coelho; Nascimento (2013 apud MARTINS, 2008 p.34), “imagens tem vida cultural e exercem poder psicológico e social sobre os indivíduos”, apresentando potencial narrativo possibilitando diálogos e discussões acerca de fatos vivenciados. “Uma imagem é aquilo que imita ou representa pessoas ou

coisas, ou seja, é a representação mental ou física de qualquer forma” (apud Michaelis, 1998 n.p.), uma forma poderosa de representação, principalmente devido ao seu caráter interpretativo (apud Kerry Freedman 2005, p.126).

Nesta perspectiva o recurso imagético sintetiza um recorte da realidade vivenciada para que possa possibilitar uma análise crítica de fatos cotidianos e rotineiros que sem tal recurso interpretativo se desconhece a essência que fundamenta a existência dos fatos.

Coelho e Nascimento (2013, p. 180) afirmam que a fotografia e o vídeo são as mídias mais utilizadas nos celulares, registram imagens e/ou som, que retratam a dinâmica de seu cotidiano. No entanto, este dispositivo se tornou polêmico no interior das escolas, pois quando sua utilização não é mediada pelo professor, proporcionam a distração dos estudantes.

A fotografia, na perspectiva de Rezende, Franco e Marquez (2013) inaugurou um novo momento de olhar e entender o mundo, contribuindo para registrar o cotidiano e conservar a realidade, “passando a ter uma nova função social quando transformou em imagem o que a sociedade vivia” (apud Maya, 2008 p.115).

## **2.4 Tecnologias móveis e a Linguagem Digital na construção de saberes**

A contemporaneidade apresenta transformações rápidas e profundas que segundo Santaella (2011a) tem como consequência o processo de mutação do ser humano, que está passando por um salto antropológico devido ao crescimento de sua inteligência que não é mais individual, porém coletiva. Este fator está ocorrendo devido à possibilidade de acesso a uma galáxia de informações, oportunizado pela linguagem digital, que nas concepções de Kenski (2007) é a convergência das tecnologias de comunicação e de informação resultando em uma nova tecnologia que utiliza o hipertexto como linguagem não linear, podendo conjugar outras mídias (fotos, vídeos, sons, etc.), dando origem a hipermídia ou multimídia.

O hibridismo da linguagem que estamos vivenciando hoje, na concepção de Santaella (2011b) é a expressão da natureza de nossa mente que sempre foi híbrida. Anteriormente as linguagens estavam separadas, hoje, ao convergirem para o computador e através do software, que coordena a mensagem, há uma conjunção das mesmas e como resultado percebemos a sua multiplicação e mistura. “As linguagens, que transitam através das mídias, são o cerne da comunicação e da mensagem e são responsáveis pela organização do pensamento”.

Os meios que possibilitaram a expressão da natureza híbrida da mente humana Santaella (2011b), configuraram-se em ambientes tecnológicos híbridos, cujos fomentaram o surgimento da linguagem digital, como coloca Kenski:

Nos ambientes digitais reúnem-se a computação (a informática e suas aplicações), as comunicações (transmissão e recepção de dados, imagens e sons etc.) e os mais diversos tipos, formas e suportes em que estão disponíveis os conteúdos (livros, filmes fotos músicas e texto). É possível articular telefones celulares, computadores, televisores, satélites, etc. e, por eles, fazer circular as mais diferenciadas formas de informação (KENSKI, 2007. p.33).

Segundo a autora, a linguagem digital “impõe mudanças radicais nas formas de acesso à informação, a cultura e ao entretenimento”, favorecidas pelas possibilidades de convergência e sinergia entre as possíveis aplicações dessas mídias, influenciando na constituição de valores, atitudes e no atual estágio do conhecimento humano, cuja compreensão da “imagem do mundo” se constrói em forma de rizoma (KENSKI, 2012, p. 41 apud Deleuze e Guattari, 1995).

Retomando a fala de Santaella (2011a), o grande desafio da escola hoje é impedir que aconteça um distanciamento entre a educação formal e este mundo da informação, sendo assim, é função da escola desenvolver a seletividade, que se dá através da sistematização de conhecimento, da paciência, da escuta e da experiência das pessoas mais velhas, por isso que a escola não pode morrer, pois ela é responsável pela transferência de valores juntamente com as famílias.

Continuando, na perspectiva de Santaella (2011a) a complementaridade das finalidades da escola com as potencialidades das novas mídias, desafio da educação formal, passa primeiramente pela conscientização de que os meios de aprendizagem não estão somente na escola e que temos um computador poderoso

nas mãos, os dispositivos móveis que oportunizam uma aprendizagem a qualquer momento também denominada aprendizagem ubíqua, ela acontece naturalmente, em fração de segundos e também se caracteriza por ser uma ação coletiva. “Este equipamento não só leva a informação, mas a troca de informações”.

## METODOLOGIA

Metodologicamente, desenvolveu-se uma pesquisa - ação numa concepção construtivista de pesquisa qualitativa, que implica em uma interação do pesquisador e os sujeitos da investigação para a análise da realidade encontrada e para a construção de conhecimento.

Segundo Thiollent (2011, p.20) a pesquisa ação:

é um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo.

A participação das pessoas envolvidas nos problemas investigados é imprescindível, determinando a manifestação de ações por parte das mesmas diante de um problema observado. Os pesquisadores desempenham um papel ativo, seja analisando os problemas encontrados ou na avaliação das ações selecionadas em função dos mesmos. Neste tipo de pesquisa há a possibilidade de estudar de forma dinâmica "os problemas, as decisões, as ações, as negociações, os conflitos, que ocorrem entre os envolvidos durante o processo de transformação da situação" (THIOLLENT, 2011, p.24).

A pesquisa envolveu 27 alunos oriundos de uma escola pública, mantida pela rede estadual, localizada no bairro Patronato, região oeste da cidade de Santa Maria, RS, que cursavam o 8º ano do Ensino Fundamental, séries finais, na disciplina de Ética e Cidadania. O trabalho de pesquisa foi desenvolvido no ano letivo de 2015, cujos dados foram registrados em um diário de bordo.

A escola oferta o ensino tanto no nível fundamental como médio, sendo que hoje apresenta um número de 585 estudantes matriculados. Desenvolvem suas atividades nesta instituição pública em torno de cinquenta professores e dezenove funcionários. Ela possui o Programa Ensino Médio Inovador e o Programa Mais Educação. No que se refere à infraestrutura, a escola possui 18 salas de aula para 25 estudantes, com quadro branco. Dentre os recursos tecnológicos disponibilizados na escola encontra-se a sala de informática com notebooks.

Os estudantes provêm de vilas e bairros próximos à escola, uma localidade onde eclodem fatos cotidianos de violência contra os próprios indivíduos e ao ambiente que os rodeia, demonstrando uma realidade enfrentada pelos mesmos com desafios cotidianos que exigem uma maturidade e responsabilidade superior às suas idades.

Muitos estudantes não associam a escola e o conhecimento como ferramentas para galgar melhores condições de vida no futuro, pois há gerações, os familiares sobrevivem com dificuldades a partir de subempregos e trabalhos informais. A escola, muitas vezes é considerada como um ambiente destinado à socialização, ao suprimento da necessidade básica alimentar, a facilidade de acesso às redes sociais devido à internet wireless, sendo o ambiente de sala o menos atrativo.

Além de ser um centro educativo, a escola é também considerada um centro assistencial, provendo muitos alunos de suas necessidades básicas alimentares com as verbas governamentais a partir de programas desenvolvidos na escola. Dos 27 alunos desta turma, 22 tem bolsa família e uma aluna é portadora de necessidades especiais, apresentando dificuldades na aprendizagem devido a fatores neurológicos.

Muitos estudantes apresentam dificuldades significativas de aprendizagem demonstrando a existência de lacunas no processo de construção do conhecimento, desde as séries iniciais de alfabetização.

As séries finais do Ensino Fundamental apresentam uma realidade de evasão e repetência, composto por candidatos que configuram uma defasagem idade/escolaridade.

Provavelmente a dificuldade de comunicar-se e expressar-se estão diretamente ligados à dificuldade de compreender a leitura de mundo sob vários ângulos (imagens, textos, sons...) a que são desafiados a interpretar a partir das várias disciplinas da matriz curricular da escola, já que existem lacunas na aprendizagem dos estudantes que não foram superadas e que refletem na sua autoestima, causando-lhe insegurança no momento de expor suas opiniões.

A maioria dos estudantes encontra dificuldades para superar os desafios impostos pela escola, enquanto que, no cotidiano, fora da escola, desde cedo, já enfrentam responsabilidades de um adulto, como trabalhar para ajudar os familiares, cuidar dos irmãos e parentes mais novos, realizarem as tarefas de casa, que predominantemente fica sob a responsabilidade feminina, porém algumas meninas também iniciam como os meninos, ao atingirem certa idade, as atividades laborais, geralmente na informalidade. Os meninos direcionam para a construção civil e as meninas para o comércio local e a prestação de pequenos serviços como cuidar de idosos, empregada doméstica e diaristas, como seus genitores.

Um número significativo de meninas abandona os estudos por defrontar-se com uma gravidez, sendo a gravidez na adolescência um dos problemas que mais afastam as meninas da rotina escolar e impede de continuar os estudos. Muitos casos se repetem de geração a geração (mãe para filha).

As etapas da pesquisa são descritas a seguir:

### Etapa 1 - Sensibilização

- leitura do texto: Azul e Lindo: Planeta Terra Nossa Casa de Ruth Rocha e Otavio Roth (Anexo A)

### Etapa 2 - Reflexão e Posicionamentos

- Levantamento no texto do que mais gostaram justificando para seus colegas o porquê de sua escolha, passando para a tarefa seguinte onde os alunos descreveram individualmente de que forma poderiam ajudar a conservar o seu ambiente a partir do espaço que ocupa

### Etapa 3 - Elaboração de Texto colaborativo

- criação do texto colaborativo a partir das respostas dadas ao questionamento, elaborado como tarefa ( Anexo B).

### Etapa 4 - Observação e Relatos dos Problemas Ambientais da Vila

- Observação dos principais problema ambientais que fazem parte do cotidiano dos alunos, presentes na vila onde vivem.
- Formação de grupos para realizar o relato escrito.
- Escolha de um problema, devido a sua gravidade, na concepção dos alunos, para aprofundar a pesquisa.

### Etapa 5 - Narrativa das Questoes Ambientais.

- . Através do uso de seus celulares, os alunos realizaram registros fotográficos e relatos orais, descrevendo a realidade observada a partir do problema selecionado.

### Etapa 6 - Ações Desencadeadas

- Palestra com alunos do curso da Veterinária da UFSM que fazem parte do Projeto Amigo Animal.
- Alunos escreveram uma carta à Secretaria do Meio Ambiente, da Prefeitura de Santa Maria, buscando apoio com relação a castração de animais soltos e abandonados.
- Construção de um texto conclusivo a partir das falas dos estudantes.
- Elaboração de propostas para a solução do problema:
- Consciência de serem multiplicadores;
- Construção da página do facebook.

## RESULTADOS E DISCUSSÕES

O público alvo é composto por 19 indivíduos do sexo feminino e 8 do sexo masculino. Esta realidade onde a maioria das mulheres compõe os bancos escolares não se restringe somente a esta turma, mas é um fato nas outras turmas também, na referida escola. Os alunos do sexo masculino muito cedo começam sua atividade laboral e automaticamente vão evadindo-se dos bancos escolares ainda no Ensino Fundamental. As meninas também exercem funções laborais, porém as evasões são mais expressivas a partir do Ensino Médio, mesmo começando a familiarizarem-se com o trabalho mais cedo que os meninos, ajudando nas tarefas de casa e cuidando dos irmãos menores.

Um dos fatores que leva estes adolescentes a se introduzirem tão precocemente no mundo do trabalho é por fazerem parte de uma realidade familiar que se encontra numa situação socioeconômica desfavorável, impossibilitando-os de desfrutar dos privilégios que uma sociedade capitalista determina, reforçada pelos meios de comunicação de massa: o consumismo e seu valor supremo – Ter é Ser.

Na ânsia de pertencerem à sociedade deixam-se influenciar pela ilusão da posse. Inflamados pela mídia, influenciam-se com os valores ilusórios de possuir o que ela determina como fundamental para ser feliz, ter sucesso e ser aceito pelos melhores. Um dos produtos que está entre os mais desejados pelos jovens é o celular e a grande maioria dos estudantes possui este dispositivo móvel que é acessado intensamente em sala de aula, provocando muitos atritos entre professores e alunos devido ao ingresso constante às redes sociais, à internet e a um número incontável de aplicativos, disponíveis a um toque dos dedos.

Tais elementos somam-se a tantos outros que demandam, urgentemente, atenção e estudo para que possamos ampliar as possibilidades a estes jovens na escolha de um caminho que conduzam - nos a realização pessoal e profissional. Portanto, o presente estudo, mediante as etapas que se seguem, propõe um

momento de reflexão quanto a possibilidades de ação e intervenção em uma realidade ambiental problemática.

#### 4.1 Sensibilização

O primeiro aspecto a ressaltar nesta etapa foi a resistência da maioria dos alunos em ler o texto devido ao seu tamanho, pois ocupava pouco mais que uma lauda. Na observação rápida que foi dirigida à turma, percebeu-se que em torno de 15% dos alunos não leram, e isso equivale a quatro alunos num total de vinte e sete. Espontaneamente a percentagem dos que leram todo o texto foi de 52% ou seja, quatorze alunos, porém não foi possível verificar o nível de envolvimento, e interesse já que são ações intrínsecas. Os 33% restantes, ou seja, os nove alunos restantes, somente leram aleatoriamente um ou dois parágrafos após a exposição da tarefa, onde foi solicitado que escolhessem o que mais gostaram ou lhes chamou a atenção para argumentarem com seus colegas e tentarmos realizar um pequeno debate com relação ao tema proposto.

Outro fator que denota atenção é o fato do grande interesse dos estudantes em colorir a pequena figura disponibilizada no texto. Este fato traz a luz questões como: Será que nossas metodologias de ensino têm privilegiado apenas a questão conteudista, esquecendo-se da arte e da ludicidade?

Para Lavorski e Junior (apud ALMEIDA, 2006) a palavra ludicidade tem sua origem na palavra latina “ludus” que quer dizer jogo. Se estivesse restrita somente a sua etimologia estaria referindo-se somente ao brincar, a atividades espontâneas, porém passou a ser reconhecida como traço psicofisiológico, pois consiste numa necessidade básica do corpo e da mente no comportamento humano, extrapolando os limites do brincar espontâneo fazendo parte das atividades essenciais da dinâmica humana.

O jogo e as brincadeiras fazem parte de todas as fases da vida dos seres humanos, indispensáveis para o relacionamento entre as pessoas, além de

possibilitar o desenvolvimento da criatividade e do "surgimento da afetividade cujo território é o dos sentimentos, das paixões, das emoções, por onde transitam medos, sofrimentos, interesses e alegrias". Portanto tais motivos comprovam que a ludicidade é uma necessidade humana, presente em qualquer idade tendo que ser vista além de diversão, mas como aprendizado. Associada a fatores sociais e culturais colabora para uma boa saúde física e mental, pois facilita o "processo de socialização, comunicação, construção de conhecimento, além de um desenvolvimento pleno e integral dos indivíduos envolvidos no processo de ensino-aprendizagem" (LAVORSKI; JUNIOR, 2008).

Dessa maneira, segundo Bacelar (apud FALCÃO, 2002 p.17) "ludicidade é um processo interior que brota de dentro para fora e não de fora para dentro, apesar de ser influenciada e estimulada por agentes externos para se concretizar", fato desencadeado pela pequena gravura, que compenetrados, a maioria dos alunos empenharam-se em colorir. Enquanto os observava percebi que com o passar do tempo, nas séries que se seguem às iniciais, vão se suprimindo algumas atividades lúdicas, sufocando as sensibilidades que por vez reclamam para que ressurgam, porém nunca deveriam deixar de estar presente principalmente, neste espaço de aprendizagem e construção.

#### 4.2 Reflexão e Posicionamentos

Como estava previsto inicialmente, o debate não aconteceu, simplesmente houve a exposição de alguns alunos sobre o aspecto que mais chamou a atenção. A atividade proposta não era avaliativa e se manifestavam somente os alunos que queriam, e isso aconteceu com os que são mais espontâneos e não tímidos e que de uma forma ou outra leram tudo ou um pouco do texto.

Este fato nos remete a pensar sobre a falta de hábito de leitura dos alunos. Fatalmente, o ponto final encerraria a questão se, como educadora, isso não incomodasse tanto, além de provocar para respostas que, por sua vez, direcionam para novos questionamentos. Numa corda bamba arrisco definir como uma das

razões que justificaria tal situação desoladora, o reflexo de uma realidade que aos poucos vem se compondo nestas últimas décadas e hoje nos vemos diante de uma sociedade excludente, apresentando o enfraquecimento do vínculo familiar, abandono de menores, decadência da qualidade do ensino público, ação perversa de traficantes de drogas, aumento da violência e da criminalidade entre os jovens, índice crescente de gravidez entre as adolescentes, entre tantos outros aspectos aqui não citados.

Soma-se a este cenário o acesso democrático a internet que aos poucos vem modificando comportamentos e valores entre os jovens, inclusive nas formas de se relacionar com os pares e sexo oposto,<sup>1</sup> somando-se a incapacidade da escola em lidar com tantos desafios, justificaria, em parte, a desvalorização da educação formal pelas classes mais pobres. Contudo, ainda se pergunta o que é causa e o que é consequência, neste emaranhado de justificativas?

Nesse sentido, recorro aos escritos de Freire (1989), “A compreensão do texto a ser alcançado por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto”, porém pergunto qual é o nível de consciência que os nossos jovens têm da realidade que os circundam? As ações no interior das escolas são contextualizadas e ajudam os alunos a compreenderem o mundo a sua volta? Ainda nas colocações do autor, “a leitura de mundo precede a leitura da palavra”, sustenta-se que existe um dinamismo entre a linguagem e a realidade, ressaltada no presente texto com vocabulário simples e tratando de tema que está presente nas mídias diariamente, além de constatarmos no nosso trajeto cotidiano, nos centros urbanos, provas do descaso com o meio em que vivemos. Portanto, o que gera este desânimo e desinteresse, por parte dos alunos, ao realizar as atividades escolares proposta pelos professores?

Percebe-se como consequência da falta de leitura, um vocabulário pobre, dificuldades para expressar o pensamento, através da expressão oral e escrita, além da dificuldade em interpretar o que se lê. Um fator intrigante e que se

---

<sup>1</sup> Retirado do trabalho do aluno “J” que pesquisou sobre as características da sociedade atual, cujo referenciou com o site: <[http://www.sinomar.com.br/m\\_cronicas.asp?id=155](http://www.sinomar.com.br/m_cronicas.asp?id=155)>. Acesso em 02/01/2016.

relaciona diretamente com a questão anteriormente citada é o fato da relutância em expor opiniões mediante um tema determinado para estudo e conhecimento, Outro aspecto que impede a fluência do diálogo é a timidez, o medo de errar e ser ridicularizado.

A expressão da oralidade ou dialogicidade foi, portanto, um grande desafio. O medo, a insegurança são barreiras que precisam ser transpostas. A expressão do sujeito seja ela oral ou escrita é de grande valia na formação de um cidadão autônomo e crítico.

Leal e Góis (2012, p.61) fundamentados em Silva e Koch (1996) defendem a complexidade da produção oral, e apontam que a oralidade e a textualidade são atividades interativas e complementares, que carregam implicitamente nossas práticas sociais e culturais. As autoras destacam a necessidade de proposição de atividades que capacitem o estudante para utilização da modalidade oral, tendo em vista a relevância da oralidade no exercício da cidadania.

A oralidade pode ser um instrumento de grande valia no processo de aprendizado, à medida que proporciona ao estudante criar, ser, manifestar-se. Buranello afirma que:

O homem tem a necessidade peculiar de se comunicar, vivendo, portanto, em permanente interação com a realidade que o cerca e com os outros seres humanos, dividindo com eles sua visão de mundo, suas experiências e seus sentimentos. Uma das formas mais eficazes de interação é a linguagem, pela qual o emissor pode transmitir suas ideias e emoções. Desta forma, temos o ambiente escolar como lugar de sistematização da linguagem visando torná-la mais clara e significativa (BURANELLO, 2003).

Na tarefa seguinte, os relatos escritos sobre o texto: Azul e Lindo: Planeta Terra, Nossa Casa, onde a tarefa proposta é descrever de que forma poderia colaborar na conservação de seu ambiente a partir do espaço que ocupa, desafiando-os a compreender a complexidade das relações que envolvem seu contexto socioambiental, direcionando-os para questão central: *Qual o papel do indivíduo inserido neste contexto?*

Pallof e Pratt (2004 apud Wenger, 1999, p.37), apontam que as questões relacionadas à educação devem ser abordadas em primeiro lugar com base nas identidades e no pertencimento, ou seja, o aspecto social da educação e o

entendimento de que o estudante tem necessidade de participar de um grupo devem ser valorizadas anteriormente das habilidades e da informação.

Para Carlos (1997):

[...] o lugar aparece como um fragmento do espaço onde se pode apreender o mundo moderno. Uma vez que o mundial não abale o local. O lugar se produz na articulação contraditória entre o mundial que se anuncia e a especificidade histórica do particular. Deste modo o lugar se apresenta como o ponto de articulação entre a mundialidade em constituição e o local enquanto especificidade concreta, enquanto momento (CARLOS, 1997, p. 303).

O lugar como espaço de vivência e explicado pela relação de pertencimento, pode contribuir efetivamente para valorização do homem em sua essência. Apontando que o tradicional não é sinônimo de atraso, mas de identidade. Aposta na importância de elevar e resgatar a cultura (valores) de populações que perderam parte de sua cultura e de seus conhecimentos tradicionais para que estes não sejam seduzidos pelo padrão de consumo de outras civilizações. Moreira (2006) destaca que:

[...] o lugar é o sentido do pertencimento, a identidade biográfica do homem com os elementos do seu espaço vivido. No lugar, cada objeto ou coisa tem uma história que se confunde com a história dos seus habitantes, assim compreendidos justamente por não terem com a ambiência uma relação de estrangeiro. E reversivamente, cada momento da história de vida do homem está contada e datada na trajetória ocorrida de cada coisa e objeto, homem e objetos se identificando reciprocamente. (MOREIRA, 2006)

Os itens mais recorrentes apontados pelos estudantes nesta atividade podem ser visualizados no gráfico abaixo:

Gráfico 1 – Itens levantados pelos estudantes a partir do texto



Os estudantes apontaram como principais questões o cuidado e limpeza com o espaço ocupado (24,45%) -11 alunos e o fato de não devermos jogar o lixo nas ruas e no chão (17,74%) - 8 alunos. Fato vivenciado diariamente pelos estudantes nas ruas de suas vilas como também nas salas de aula que ficavam forradas de papéis nas mais diversas formas (bolinhas, folhas rasgadas, trabalhos, papéis de balas, pirulitos e chicletes). Estimulá-los a olhar o que acontece a sua volta, desconstruindo conceitos e atitudes conformistas, levando-os a perceber possibilidades de intervenção no que está trazendo desconforto, transformou gradativamente as atitudes dos alunos e a sala de aula se tornou um ambiente limpo e agradável. Após a tabulação e divulgação dos dados, os próprios alunos passaram a cobrar dos colegas que jogavam o lixo no chão.

Nas colocações de Morin (2009, p.39-40) “Os problemas fundamentais e os problemas globais estão ausentes das ciências disciplinares”, que formaram mentes inaptas para contextualizar e integrar os saberes, portanto a “educação deve favorecer a aptidão natural da mente em formular e resolver problemas essenciais”,

com isso, a ação de contextualizar parte da identificação de problemas comuns e cotidianos e o levantamento de possíveis hipóteses para solucioná-los, fato muito presente nos questionamentos posteriores.

Outros itens bastante citados pelos estudantes referem-se à economia de água e energia (15,53%) - 7 alunos e o consumo consciente (11,12%) - 5 alunos, discutidos e analisados pelos estudantes com sugestões desenvolvidas mediante uma reflexão a partir de suas experiências, pois estávamos convivendo com uma situação social e econômica onde a energia elétrica e os combustíveis sofreram altas significativas, interferindo diretamente no orçamento familiar, além da crise da água em São Paulo e a possibilidade de se estender para as outras regiões do país, fatos disseminados diariamente pelos meios de comunicação. Muitos alunos e seus familiares não utilizam o ônibus para ir ao centro da cidade, fazendo o trajeto a pé, porque a passagem se torna uma despesa, muitas vezes, impossível de arcar, com isso, já que utilizo o automóvel para ir à escola, alguns alunos sugeriram que eu também deixasse meu carro em casa, já que moro praticamente perto da escola e assim economizaria combustível.

O cuidado com os animais (11,12%) – 5 alunos, outro item que reflete um olhar cuidadoso dos estudantes para o seu ambiente, cujo apresenta um número significativo de animais (cães, gatos e galinhas) soltos nas ruas a mercê de doenças e todo tipo de violência, como envenenamentos, atropelamentos e fome, e consequentemente criando uma situação de risco à saúde pública devido a disseminação do lixo nas calçadas e terrenos baldios, pois não existe em todas as residências caixas de coletas e eles são acondicionados nas ruas e calçadas a espera do recolhimento e segundo o relato dos alunos os lixeiros não recolhem os sacos rasgados pelos animais famintos.

Os seguintes posicionamentos, como plantio de árvores e não desmatar (6,6%) - 3 alunos; higiene do corpo (4,6%) - 2 alunos; boa convivência com as pessoas (2,2%) - 1 aluno; ler/estudar(2,2%) - 1 aluno; não fazer queimadas (árvores e lixo) (2,2%) - 1 aluno e coleta seletiva (separar o lixo para reaproveitar) (2,2%) - 1 aluno, demonstram que o conjunto das opiniões produziram uma construção ampla e portanto mais completa a respeito das ações necessárias que envolve o cuidado

com o ambiente, seja ele próximo(cuidados com a mente e corpo/lazer, as relações) quanto universal(repercutindo em uma coletividade).

Ao finalizar a segunda etapa percebi que a participação dos alunos foi um pouco mais significativa, onde selecionei as colocações de Freire para justificar a leve mudança e esperar-me de que estava no caminho certo:

Quanto mais se problematizam os educandos, com seres no mundo e com o mundo, tanto mais se sentirão desafiados. Tão mais desafiados, quanto mais obrigados a responder ao desafio. Desafiados compreendem o desafio na própria ação de captá-lo. Mas, precisamente porque captam o desafio como um problema em conexão com os outros. (FREIRE, 1987).

Esta conectividade citada na fala de Freire, que defende a ação do grupo na resolução de problemas comuns liga-se paralelamente às idéias de Morin (2009, p. 45) que alega uma conexão dos conhecimentos, pois segundo ele, “O parcelamento e a compartimentação dos saberes impedem apreender “o que está tecido junto”, para que a mente possa controlar e se libertar da falsa “racionalidade mutilada”, conduzindo o pensamento para algo que “distingue e une”, conjugando as parte com o todo, portanto instiga-nos tornar a problemática descrita em conteúdo vivo que urgentemente necessita de estudo e análise para possíveis soluções.

Além da colocação acima, mesclando e complementando-se, Freire (1987) e Morin (2009) argumentam que os seres humanos só se reconhecem humanos ao identificarem o que é comum entre si e a sua diversidade cultural que lhes é inerente, sendo através da complementaridade entre o individual e o coletivo que é possível perceber a complexidade do todo.

Para nos reconhecermos como humanos não podemos nos separar do universo e nem dos outros indivíduos através de uma visão fragmentada e dualista, mas perceber-nos como integrantes desta teia de relações que estabelece a nossa humanidade. Portanto justifica-se a presente ação, argumentando-se que a visão individual na identificação de uma problemática comum só poderá complementar-se na soma das percepções do grupo. Cada impressão está carregada de sentimento e afeto, que ao socializarem-se, seja oralmente ou através de imagens comunicar-se-á

com outras sensibilidades, construindo-se assim uma visão globalizada e complexa, ou seja, mais verdadeira e real.

#### 4.3 Elaboração de Texto Colaborativo

As respostas dos alunos após serem tabuladas, analisadas e discutidas originaram um breve texto colaborativo, cujas falas dos alunos foram referenciadas, iniciando-se assim a terceira etapa, com o objetivo de valorizar a opinião de cada aluno e demonstrar a importância de sua ideia na construção de um coletivo, construído a partir de conceitos que tornaram o tema amplo e completo. Nesta linha de pensamento podemos citar Vigotsky (1998, p.50) ao afirmar que o desenvolvimento humano é uma obra social que se dá a partir da internalização do meio sócio-cultural que penetra na criança em graus ou formas variáveis, porém esse universo cultural só é acessível à criança se é mostrado a ela pelo outro. Com isso, a construção do referido texto buscaria a interação de ideias com o a intenção de torná-lo mais completo, enriquecido com uma diversidade de opiniões, pois a nossa construção individual carrega impressões limitadas e através da troca de conceitos cada um aprenderia com o outro e ampliaria seus conhecimentos, agregando as construções dos colegas. Para Freire (1996), ensinar exige respeito aos saberes dos educandos.

Com a fala da estudante “A”, “Meu espaço é meu mundo”, foi utilizado para demonstrar que para começarmos não precisamos ir muito longe, podemos iniciar pelo nosso entorno, mudando e reciclando atitudes para que possamos ter uma melhor qualidade de vida. Ao interpretar as colocações dos alunos e referenciá-los na exposição oral do texto percebi que muitos se sentiram valorizados e entre espanto e prazer ao ouvir o seu nome constatei que demonstraram satisfação ao comprovarem que suas colocações foram apreciadas e suas ideias valorizadas.

Para Alencar (2010), desenvolver a capacidade do aluno em produzir seus próprios textos é uma atividade fundamental, pois permite a formação de um cidadão crítico e autônomo. Neste sentido observa-se o potencial das tecnologias

para a produção não apenas de narrativas textuais, mas também narrativas sonoras. Além disso, a intenção também era demonstrar que podemos utilizar as ideias de outras pessoas para enriquecer um trabalho que fazemos, porém devemos citá-las e não se apropriar indevidamente de suas ideias, como nossas fossem.

Gradativamente se observava na sala de aula mudanças de comportamento de um e outro aluno, como foi o exemplo da aluna “I” que inicialmente mostrou um comportamento agressivo e ríspido com os colegas, principalmente com o gênero masculino, tornando-se inviável a sua interação com os demais, mas após a citação de sua fala no texto: “Todos somos responsáveis e temos que fazer a nossa parte. Se responsabilizar não apenas pelo que faço, mas pelo que deixo de fazer”, ela começou a contribuir para as atividades posteriores, inclusive se adaptou a um grupo, realizando as atividades e cooperando com as colegas. A aluna diminuiu sua agressividade, claro, não a excluiu de suas atitudes, mas muitas vezes vi-a calar e controlar-se, além de não mais agredir fisicamente os colegas.

Esta atividade também tinha como foco ampliar o conceito de cuidado ambiental, pois ele perpassa pelo cuidado de si, do seu entorno, da mudança de conceitos, de consumo e que estes aspectos se interligam e um incide sobre o outro, pois:

ao vermos com profundidade os acontecimentos ao nosso redor, percebemos o que o contorna e que os fatos não são isolados, mas se ligam tenuamente, num contexto que envolve os aspectos sociais, políticos, educacionais e culturais, entre tantos outros e como indivíduos estamos envoltos neste emaranhado e complexa teia de inter-relações.(ROSA, E. I. S. 2013, p 199).

## TEXTO COLABORATIVO

O mínimo que poderíamos fazer é conservar o espaço que ocupamos, colaborando com pequenas tarefas cotidianas, ajudando na higiene deste ambiente como também da nossa própria, cuidando da mente e do corpo (Alunos A, B, C, e D).

Cuidar para que os objetos permaneçam no seu lugar, inclusive o lixo. (Aluno E)

Outra forma de contribuir para a conservação do ambiente é não desperdiçar não só água e luz, mas comida também. (Aluna F)

Devemos cuidar da vida, seja qual for, animais, plantas e pessoas. (Alunas G e H)

Todos somos responsáveis e temos que fazer a nossa parte. Se responsabilizar não apenas pelo que faço, mas pelo que deixo de fazer. (Aluna I).

#### 4.4 – Observação e Relato dos Problemas Ambientais da Vila

Aprendizagem através de problemas, parte da observação da realidade para identificar situações problemas, onde um deles é selecionado para desenvolver uma investigação, como ocorre na Metodologia da Problematização com o Arco de Maguerez (COLOMBO E BERBEL, p. 123), que foi inspirada pela Educação Problematizadora de Paulo Freire (1987), sustentando algumas ações executadas no presente projeto, tais como a reflexão sobre as possíveis causas e consequências que envolvem a questão problemática em si, além da análise das possíveis relações dos fatores detectados, elaborando hipóteses para a solução do problema.

Portanto, é na proposta de Freire (1987) que o trabalho tem sua sustentação metodológica determinante, pois se justifica pela escolha de temas, assemelhando-se com o tema gerador, proposto pelo autor, cujo é selecionado e investigado, originando a educação problematizadora, dialógica por natureza e valoriza a visão de mundo dos educando para organizar e compor os conteúdos. Os temas estão presentes no próprio homem e na sua relação com o mundo, portanto “não se encontra nos homens isolados da realidade, nem tão pouco na realidade separada dos homens”

Nesta etapa os alunos organizaram-se em grupos cujo critério foi reunir-se conforme a vila onde residem e após a discussão dos prováveis problemas ambientais que nela existem, um relator registrou os de maior impacto, em que afetam consideravelmente a vida dos moradores, estando mais detalhados no Anexo B. Percebe-se que os problemas são comuns entre as vilas e isso ocorre

porque elas estão interligadas, fazem parte do mesmo bairro e circundam a escola onde foi feita a presente pesquisa.

No grande grupo, primeiramente, foi planejado cada grupo trabalhar um problema específico e como os problemas eram comuns, foi realizado um sorteio e ficou estabelecido assim:

- Grupo Vila Natal (A): Falta de Espaço Para Lazer (problema);
- Grupo Vila Lídia(B): As Consequências do Abandono de Animais Domésticos;
- Grupo da Vila Arco-Íris(C): Frentes de Trabalho para envolver as pessoas.

Na medida em que foram acontecendo as discussões nos grupos de como se poderia trabalhar cada problema, percebeu-se que tínhamos problemas complexos e que demandavam muito estudo e dedicação. Assim, apoiados na pesquisa-ação, efetuou-se um replanejamento, escolhendo junto com os alunos um dos temas para ser trabalhado pela turma toda e com isso o selecionado foi o da Vila Lídia: As consequências do abandono dos animais domésticos. Desta forma os grupos foram redivididos da seguinte forma:

*Grupo 1: Alunos responsáveis por registrar os fatos relacionados ao tema da pesquisa através de fotos, tiradas com seus celulares;*

*Grupo 2: Alunos responsáveis por descrever os fatos através da narrativa oral, utilizando o celular;*

*Grupo 3: Alunos responsáveis para fazerem a contagem dos animais soltos nas ruas da vila;*

Grupo 4: Grupo responsável por fazer entrevistas com as pessoas e ouvir a opinião das mesmas a respeito do problema.

Grupo 5: Grupo responsável por organizar os arquivos em pastas no computador da escola para uso posterior.

#### 4.5 - Narrativas das Questões Ambientais

##### Grupo 1: Alunos responsáveis por registrar os fatos relacionados ao tema da pesquisa através de fotos, tiradas com seus celulares.

No dia 21 de junho de 2015, o grupo responsável pelo registro da realidade através de fotos tiradas pelos seus celulares, saiu para observar as ruas e fotografar os aspectos mais relevantes, cujos justificariam a nossa pesquisa (Figura 1). Segundo Coelho e Nascimento (2013, p.175) sob as perspectivas da Educação da Cultura Visual (ECV):

Toda imagem produzida culturalmente tem potencial narrativo para promover embates e discussões críticas acerca da vida. Por isso, não permite categorização hierárquica entre uma ou outra produção imagética. Ao contrário, problematiza e defende a educação pelo viés reflexivo, por meio das visualidades que fazem parte efetivamente do dia-a-dia do alunado, numa ação dialógica que inclua o sujeito e suas reais possibilidades de argumentação. Rejeita um ensino aprisionado em cânones artísticos, que não valoriza e nem abre espaço para as múltiplas formas de representação.

O recorte da realidade, selecionada pelos autores das imagens, está carregada de subjetividade impressa na foto. No momento da socialização esta subjetividade se comunicará com outras, determinando um momento de troca e aprendizado do outro, da visão de mundo de cada um, como esclarece Deliberador, Alves e Lopes (2013, p.20) A imagem fotográfica é munida de subjetividade, de intenções e deve ser pensada a partir de toda a sua construção e entendida como uma ferramenta de expressão e de comunicação, constituindo uma mensagem para o outro.

##### Grupo 2: Alunos responsáveis por descrever os fatos através da narrativa oral, utilizando o celular.

No dia 25 de junho de 2015, o grupo realizou um relato oral sobre a realidade observada, que foi gravado com o celular (Figura 1). Este trabalho não foi feito espontaneamente, primeiramente os alunos selecionavam o momento e o fato que julgavam significativos, registravam no bloco de anotações e organizavam a fala, e gravavam a leitura do texto.

O desenvolvimento da oralidade é uma das principais questões que se necessita trabalhar, pois encontra-se muita resistência dos estudantes quando são solicitados a expor suas ideias diante dos colegas ou de outras pessoas, tanto dentro como fora da escola. O medo de ser ridicularizado, a insegurança e a falta de conhecimento e de uma metodologia que favoreça esta dinâmica, o impedem de ser um sujeito autônomo e seguro.

Corrêa (2001) e Signorini (2001) apontam para a necessidade eminente da valorização da oralidade no contexto escolar, visto que a mesma está presente em diferentes esferas sociais e assume papel crucial nas interações humanas. É dever de a escola priorizar a formação do estudante para a cidadania, é necessário trabalhar a expressão, o diálogo, ensinando o aprendiz a argumentar, analisar discursos e manejar a linguagem oral como instrumento de emancipação e autonomia.

Considerando a adolescência uma etapa marcada por mudanças em inúmeros domínios do desenvolvimento e comumente balizada por conflitos internos, como a elaboração e a reconstrução de sua subjetividade, imagem corporal, relação com a família e com a sociedade, esta fase é de grande importância no processo de constituição de valores do sujeito, de sua autonomia e da construção de um cidadão ético e independente (VINCENTIN, 2005).

É sob esse olhar que este trabalho foi desenvolvido, visando proporcionar ao estudante um papel de destaque no processo educacional, onde ele possa não apenas criar, recriar, aprender e ensinar, que ele possa enfim ter voz e vez na construção de saberes.

### Grupo 3: Alunos responsáveis para fazerem a contagem dos animais soltos nas ruas da vila.

No dia 15 de junho de 2015, o grupo responsável pela contagem dos animais saiu para observar as ruas da Vila Lídia e contabilizaram 67 animais soltos nas ruas, prevalecendo os cachorros, mas também observamos galinhas, gatos e cavalos.

O suporte para que pudessem expressar seguramente suas ideias e opiniões estaria no conhecimento construído a partir da pesquisa, deste olhar curioso em busca

da compreensão dos fatos cotidianos, dos desafios proposto pelo tema inserido no contexto. Segundo Freire (1996, p.16) “não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino”. Esta dinâmica entre a busca pelo conhecimento através da pesquisa, do olhar cuidadoso sobre o que está em nosso entorno, na ânsia de responder aos questionamentos estabelecem os suportes para a desmistificação da realidade, isto é, conhecimento daquilo que se ignorava.

Grupo 4: Grupo responsável por fazer entrevistas com as pessoas e ouvir a opinião das mesmas a respeito do problema.

No dia 06 de julho de 2015, os alunos que tem como tarefa realizar as entrevistas com os moradores da vila e conhecer quais as opiniões que tem sobre esse assunto, conversaram com alguns moradores e fizeram três perguntas:

- 1) Qual a sua opinião a respeito dos animais que estão soltos nas ruas?
- 2) Esses animais podem transmitir doenças às pessoas?
- 3) Quais doenças que você conhece que podem ser transmitidas pelos animais?

O objetivo principal da entrevista com os moradores era ver se os mesmo concebiam este fato como um problema. Mesmo todos considerando como um problema e o nível de consciência variar muito de um para outro residente, todos ignoram a situação, acomodando-se com a mesma. Inicialmente a proposta era usar o celular para gravar as falas dos moradores, mas nenhum dos moradores quis fazer a entrevista utilizando o celular, portanto fizemos da maneira tradicional, perguntando oralmente e registrando a resposta através da escrita.

Esta ação fundamenta-se na fala de Freire (1987): “Investigar o tema gerador é investigar o pensar dos homens referido à realidade é investigar seu atuar sobre a realidade, que é sua práxis”. O tema só pode ser compreendido nas relações homens-mundo. Complementando, Pallof e Pratt (2004 apud Wenger, 1999, p.37) destacam que “o valor da educação está na participação social e no envolvimento ativo com a comunidade; a identidade social conduz a aprendizagem”.

A faixa etária que compreende o grupo de moradores entrevistados está entre os 30 a 60 anos, tanto do sexo masculino como feminino e todos estão cientes que o número de animais soltos nas ruas é expressivo, porém enquanto um grupo se apieda da situação outro condena. Há ainda àqueles indiferentes e acomodados que falam que sempre foi assim, os donos não se preocupam e as fêmeas procriam e seus filhotes já nascem sem lar, sem dono, soltos nas ruas.

Todos foram unânimes em dizer que os animais transmitem doenças às pessoas, mas nem todos sabem dizer quais doenças podem ser transmitidas pelos mesmos. As doenças citadas pelos moradores foram: raiva, sarna, pulga, carrapatos e vermes.

Grupo 5: Grupo responsável por organizar os arquivos em pastas no computador da escola para uso posterior.

O material coletado (fotos, relatos, entrevistas, etc.) era entregue ao grupo que se responsabilizava em organizá-los nas pastas, no computador, na sala de informática, para uso posterior.

Na medida em que as atividades foram se desenvolvendo, foi possível perceber nas falas e nos gestos dos estudantes a sensação de contentamento, de satisfação, ao realizar cada etapa das ações. As visitas constantes às vilas onde reside a maioria dos estudantes que se envolveram na pesquisa provocaram curiosidades por parte de outros alunos de outras turmas onde também exerço minha função de professora em outras disciplinas. Ao responder as indagações e descrever a proposta do trabalho demonstraram interesse em realizar uma atividade semelhante.

Nas incursões pelas ruas da vila para fazer com os alunos o registro fotográfico, as descrições orais, as entrevistas com os moradores, as contagens de animais possibilitou a minha aproximação da realidade vivida por eles e seus familiares. Este fato nos tornou mais próximos e pude conhecer um pouco mais da pessoa de cada um. Queriam me mostrar onde moravam, quem eram os seus pais, onde moravam os parentes mais próximos, como avós e tios. Falavam-me dos seus

trabalhos e amigos. Apresentavam as moradias de alunos que já tinham sido meus em anos anteriores e as relações pessoais que tinham com outros. - “Prof. esse aluno seu do ano passado agora é tio do aluno tal da turma tal” . Percebi que eles sabiam muito sobre mim e que minha presença na vida deles não passou despercebida.

Conversamos sobre algumas intimidades, pequenos conselhos e dúvidas e não pude deixar de relacionar esta troca com minha função de mãe, talvez uma irmã mais velha. Entre uma conversa e outra, um doce, uma bala, um sorriso, uma brincadeira, uma guloseima. Celebrando, brindando um momento único e especial.

Alunos que já foram meus em anos anteriores, de outras turmas, começaram a chegar e questionar, inclusive os que eram mais distante e indiferente. Aquele ambiente que não fazia parte do meu cotidiano começou a ter um significado pelo fato de ver e sentir meus alunos de uma forma diferente. Não eram somente alunos, era muito mais que isso, estávamos compartilhando alguns momentos, fazendo trocas e juntos estávamos realizando um trabalho em grupo, dividindo o nosso conhecimento. Em alguns momentos me faziam sentir que eu era a professora e que eles estavam orgulhosos por estar ali, conhecendo o seu mundo. Eles se tornaram mais falantes, brincalhões e expuseram suas opiniões livremente. Parecia que estava em frente a outros alunos.

Não pensei que a minha passagem pela vila fosse ser sentida por eles como algo importante. Ao escrever este relato, lembrando os sorrisos, as falas e as brincadeiras fizeram me sentir saudosa. Conclui que eles foram e são muito importantes para mim e contribuíram para o meu crescimento como pessoa e como profissional.

Trazer à tona a questão da problemática ambiental presente no lugar onde vivem os alunos não pode ser interpretado como uma forma de depreciá-lo, mas reforçar o aspecto de pertencimento mediante a ótica de um novo olhar para a realidade cotidiana. Este fato está comprovado pela manifestação de entusiasmo, segurança e confiança por parte dos alunos ao me apresentarem o lugar onde vivem e com quem vivem, demonstrando através dos gestos e falas que estava sendo bem recebida neste lugar a que pertenciam.

É na efetiva participação dos estudantes no processo educacional que a escola assume o papel de formação inquestionável para a cidadania e a democracia, pois, como discute Freire (1996) o saber só existe na invenção, na reinvenção, na busca inquieta, impaciente, permanente, que os homens fazem no mundo, com o mundo e com os outros, pois formar é muito mais do que treinar o estudante em certas destrezas, ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou sua construção. Envolver os estudantes em prática argumentativas é de extrema relevância na promoção do aprendizado visto que a competência comunicativa favorece o uso da língua nas mais diversas instâncias da produção de saberes (FREIRE , 1996).

Figura 1- Relato fotográfico e transcrição do relato oral feito pelos alunos na observação do problema.



Falas das alunas gravadas com celular

“Estamos na Vila Lídia, na Rua Zeferino Correia e vamos registrar a situação dos animais que estão soltos nas ruas.

Alguns animais avançam nas pessoas e em outros animais, provocando uma situação desagradável.

Esses animais também correm o risco de serem atropelados e muitos carros reduzem a velocidade para não atingi-los, porém isso nem sempre acontece e muitos ficam mortos no meio da rua.

Além de muitos cachorros encontramos galinhas e cavalos soltos na rua.

Geralmente as pessoas machucam esses animais e a maioria deles tem uma aparência de doente, pois são mal cuidados.

Nas ruas também observamos muitas fezes espalhadas pelas mesmas.

As calçadas são estreitas e não é possível andar nelas porque têm lixo espalhado, entulhos, restos de comida e fezes de animais.

#### 4.6 – Ações Desencadeadas

##### **Palestra Veterinária**

A preparação para a palestra e para receber os alunos e professores da UFSM iniciou com elaboração de questionamentos para fazer aos palestrantes. Os alunos se reuniram em grupos e em forma de perguntas explanaram suas dúvidas angustias e curiosidades a respeito do tema selecionado para pesquisa. Com a socialização das dúvidas e curiosidades pretende-se abrir um espaço para que identifiquem entre si as igualdade e diferenças, além de munirem-se de informação para que possamos disseminar os conhecimentos adquiridos neste encontro.

Num segundo momento criaram-se os convites para a palestra, que foi entregue aos colegas da outra turma de 8º ano. Esta ação é uma forma de socializar com os colegas da escola não somente o trabalho, mas a problemática em si e como a maioria deles também vivem na referida vila, conseqüentemente se torna um problema comum e posteriormente há a possibilidade de envolver os alunos em outras ações. Além disso, é uma forma de valorizar e divulgar o trabalho que os alunos estão desenvolvendo.

A palestra aconteceu no dia 15/05/2015 às 9horas, com o professor Alexandre e seus alunos da Veterinária da UFSM, cujos fazem parte do Projeto Amigo Animal. O enfoque da palestra foi sobre os cuidados básicos que devemos ter com os animais de estimação, reforçando o compromisso que deveremos ter com os mesmos após adquirí-los.

##### **Elaboração de carta à Prefeitura**

Devido à complexidade do problema em estudo, os alunos decidiram escrever uma carta à Secretaria do Meio Ambiente para divulgar o trabalho de pesquisa realizado na escola, solicitando a possibilidade de parceria na solução do problema, já que estávamos informados, através dos jornais locais, da existência de um projeto que envolvia a Prefeitura de Santa Maria e UFSM que intencionava realizar a castração de animais de algumas vilas e uma das vilas relacionadas foi a Vila Lídia.

Esta carta foi entregue pessoalmente na Secretaria do Meio Ambiente, em uma audiência marcada para o dia 14/05/2015, às 10h e 30min. A turma foi representada por três alunos que me acompanharam e neste dia fomos recebidos pelo Secretário Adjunto Carlos Alberto Buzatti.

### **Elaboração de um texto conclusivo**

O texto descrito abaixo foi uma fala gravada no celular onde os alunos registraram algumas ideias conclusivas sobre a pesquisa. Cada aluno gravou uma parte e assim, na totalidade montou-se um pequeno relato. A atividade que gerou este relato oral foi avaliação e autoavaliação do trabalho, já que estávamos chegando ao final do semestre e parcialmente, finalizando o projeto.

Inicialmente propus que realizássemos um relato oral espontâneo e que o gravássemos com o celular. Embora nesta etapa a maioria dos alunos, voluntariamente, já estava participando das atividades, quando solicitava que fizessem relatos orais, este número de voluntários caía consideravelmente. Os poucos alunos que se dispuseram a fazê-lo não conseguiram deixar fluir a fala naturalmente. Então sugeri que escrevessem o que gostariam de falar e para não tornar repetitivo, organizei as falas e cada aluno leu um pequeno trecho de sua produção escrita.

“Somos alunos e estudamos em uma escola pública. Nossa escola está localizada em um bairro de periferia de Santa Maria, RS. Estudamos no 8º ano e moramos nas vilas aos arredores da escola.

Estamos utilizando a força de nossa voz para divulgar o trabalho que estamos fazendo desde o início do ano. Precisamos expressar o que vimos, ouvimos e sentimos.

Nas vilas onde moramos tem problemas, iguais a outras vilas do país inteiro, mas resolvemos olhá-los bem de perto e falar sobre eles. Nas aulas de Ética e

cidadania, com a professora Elaine, descobrimos que o primeiro passo para resolver um problema é olhá-lo de frente e não ignorá-lo”.

Leal e Góis (2012, p.61) fundamentados em Silva e Koch (1996) defendem a complexidade da produção oral, e apontam que a oralidade e a textualidade são atividades interativas e complementares, que carregam implicitamente nossas práticas sociais e culturais. As autoras destacam a necessidade de proposição de atividades que capacitem o estudante para utilização da modalidade oral, tendo em vista a relevância da oralidade no exercício da cidadania.

Os alunos tinham conhecimento sobre a pesquisa que estava fazendo para o Curso de Mestrado e estavam me ajudando com os estudos. Sabiam que analisava possibilidades de uso para o celular como um recurso tecnológico nas atividades pedagógicas e que o relato oral era mais uma ação assim como as fotos, as descrições e as pesquisas na internet. As falas ou expressões orais era outra forma de valorizar o uso do celular, tanto no interior das salas de aula como fora dela, podendo se tornar um recurso tecnológico com um valor imensurável, dependendo da forma como o utilizamos.

Mediante a este processo de construção, um grupo de alunos ficou responsável para realizar uma pesquisa sobre o uso dos celulares em sala de aula, analisando aspectos positivos e negativos e as várias possibilidades que este recurso pode nos proporcionar. Abaixo, o recorte do texto elaborado pelo grupo:

“A invenção do celular aconteceu em 1947 e de lá para cá esta inovação tecnológica apresentou uma evolução meteórica que passou de uma pesada e precária recepção e transmissão de voz para verdadeiros e leves centros de multimídia, capazes de realizar ações semelhantes a um moderno computador. O celular está despertando o interesse cada vez mais cedo das crianças, fazendo parte de seu mundo lúdico, juntamente com as bonecas, bolas, carrinhos, vídeo-game, etc. As discussões sobre o seu uso inflamaram inúmeros debates e pesquisas, principalmente quando se trata de sua utilização no interior das escolas. Devido à polêmica gerada pela utilização do mesmo nas salas de aula, legalmente, foi instituída a sua proibição”<sup>2</sup>.

Após as avaliações trimestrais, novamente realizamos uma análise avaliativa das ações do projeto, detectando os aspectos que podem ser melhorados ou até mesmo a sua reestruturação, se o grupo julgar necessário. Por unanimidade o grupo

---

<sup>2</sup>Trecho retirado da introdução do trabalho do grupo K que realizou uma pesquisa sobre a utilização de celulares nas salas de aula.

manifestou interesse em continuar desenvolvendo as ações a partir deste tema, porém, novamente em grupo, buscaríamos formas de solucionar o problema. Este fato me deixou realizada, principalmente pelos alunos sentirem necessidade de buscar soluções para o problema de forma conjunta.

### **Elaboração de propostas para a solução do problema:**

Novamente os alunos reuniram-se em grupos para apontar possíveis soluções para o problema dos animais abandonados no bairro onde moram, estabelecendo-se a seguinte proposta:

Grupo 1: Realizar visitas nas casas dos moradores, e através de explicações sobre os cuidados com os animais domésticos, recebidas na palestra, mobilizá-los para ajudar os animais soltos na volta de suas casas;

Grupo 2: Criar uma página no facebook para promover campanhas de adoção e cuidado;

Grupo 3: Criar panfletos para distribuir aos moradores solicitando colaborações, como ração e remédio para parasitas.

Grupo 4: Realizar pequenas palestras e atividades recreativas com os alunos das séries iniciais da escola, repassando as informações da palestra.

Ao analisar as propostas feitas pelo grupo percebe-se que eles desenvolveram uma consciência de serem multiplicadores, repassando aos colegas e moradores as informações e o conhecimento que construíram a partir das ações do projeto.

Novamente nos grupos, discutido e planejando as ações de cada um diante das propostas levantadas pelos alunos, percebemos que através da proposta do grupo 2: **Construção da página do facebook**, poderíamos envolver todas as outras, com maior possibilidade de sucesso. Ou seja: poderíamos divulgar os cuidados, necessário para com os nossos animais de estimação, promover campanhas de arrecadação de alimentos e medicamento para verminose e

parasitas, além de divulgar fotos e imagens dos nossos animais, ou seja, compartilhar o que sabemos, o que aprendemos e o que temos.

Segundo Thiollent (2011), neste tipo de pesquisa todas as partes ou grupos envolvidos na situação problema devem ser consultados para se chegar às transformações almeçadas no campo social, difundidas através do discurso, da denúncia e do debate. Para Freire (1987, p. 20), a realidade social é produto da ação dos homens e para transformá-la é tarefa dos mesmos. “Através da sua permanente ação transformadora da realidade objetiva, os homens, simultaneamente, criam a história e se fazem seres histórico-sociais” (FREIRE, 1987, p.52).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados obtidos no decorrer deste processo, além de facilitar o papel do professor como mediador do processo ensino-aprendizagem, determinando quais aspectos da intervenção pedagógica mediados pelas TIC podem ser reelaborados a partir da reflexão da prática docente, mostrou-se relevante devido a oportunidade de explorar a integração das linguagens no processo metodológico conduzindo a reestruturação de práticas e conceitos no cotidiano escolar.

Entende-se que o uso das TIC no processo ensino-aprendizagem é um desafio aos educadores que necessitam ter os suportes necessários para desenvolver sua atividade pedagógica, procurando integrar desejos e desafios. Estes suportes envolvem as questões estruturais, a filosofia, o projeto pedagógico e a estrutura da escola, que devem ser discutidos com toda a comunidade escolar, procurando ultrapassar as barreiras do preconceito e do comodismo, que está intimamente ligado com os conceitos que os professores tem sobre este tema.

Diante deste mundo de possibilidades que se descortina à frente de nossos olhos, desafiando todos os sentidos na captação de uma infinidade de linguagens e estímulos, não se pode ficar anestesiado, porém também não podemos, como educadores, nos tornarmos ingênuos e não perceber os fatos com suas reais possibilidades de concretização e impedimentos quanto ao uso das tecnologias no cotidiano escolar e oportunamente cito este pequeno trecho do livro da Kenski: “há o melhor e o pior no rizoma: a batata e a grama, a erva daninha”. (KENSKI, 2012, p. 41apud Deleuze e Guattari, 1995, p.15).

Por outro lado o uso das tecnologias no meio educacional proporcionou modificações na estrutura das salas de aula, despertando o interesse dos estudantes para o aprendizado e estimulando-os a desconstruir e construir conceitos.

Ao se trazer temas que se configuram em uma situação problema vivida cotidianamente pelos estudantes e seus familiares, para que se possa através de um novo olhar, pensar possíveis soluções, além de valorizar a realidade dos alunos, transforma-se esta realidade em conteúdo, desmistificando a valorização do que se encontra em livros ou em outras realidades, alheias às vivências dos mesmos. Esta contextualização, inevitavelmente, direciona para a resignificação dos saberes, pois

possibilita dar um novo significado aos conteúdos estudados, principalmente pela oportunidade de analisá-los conjuntamente, vislumbrando possíveis soluções. Agregando-se a esta perspectiva, a utilização adequada do celular nas salas de aula, como ferramenta para facilitar a captação de dados e seu armazenamento e também sua disseminação, oportunizando a construção do conhecimento por todos os envolvidos na pesquisa.

O uso de dispositivos móveis, cada vez mais presentes na vida cotidiana, além de ser prático, multifuncional, portátil e leve, permitiu potencializar o acesso a informação possibilitando esta pesquisadora atingir os objetivos propostos pela pesquisa, buscando fazer um link entre possibilidades e conflitos que o seu uso provoca no interior das instituições de ensino.

Entende-se que a implantação das tecnologias no cotidiano escolar visando seu potencial transformador e tornando-a uma experiência enriquecedora e produtiva requer alterações substanciais nas condições do trabalho docente, no currículo, na dinâmica de sala de aula, na reconstrução do conceito de espaço, tempo e lugar, segundo as concepções de Kenski (2012), pois ensinar e aprender são ações contínuas, tanto do aluno como do professor, e pode acontecer em qualquer momento ou lugar.

Ressalta-se ainda que o uso das TIC não é uma panacéia para todos os males da educação, mas quando utilizada de forma planejada e mediada pode contribuir para despertar o interesse dos estudantes pelo aprendizado e potencializar a participação dos mesmos no processo de ensino-aprendizagem, tornando-os agentes ativos e reflexivos sobre sua prática e o mundo onde vivem.

## REFERÊNCIAS

ALENCAR, H. M. **A Produção Textual em Sala de Aula:** marcas do discurso docente e suas implicações na autoria de textos de alunos. 2010. 138 f. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Letras) - Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Pau dos Ferros, 2010.

APRENDIZAGEM. In: DICIONÁRIO de sinônimos online de português do Brasil. Portugal: 7Graus, 2011. Disponível em: <http://www.sinonimos.com.br/aprendizagem/>. Acesso em 24 ago. 2015.

APRENDIZAGEM E CONHECIMENTO. In: BLOG Espaço e Saberes. Disponível em: <<http://saberes.bligoo.com.br/aprendizagem-e-conhecimento-aline-in-s-dullius#.VdfGQSZVgaA/>>. Acesso em 24 ago. 2015.

AS NOVAS LINGUAGENS E A EDUCAÇÃO. In: PLATAFORMA DO LETRAMENTO. Entrevista com Lucia Santaella. 2010. Disponível em: <<http://www.plataformadoletramento.org.br/em-revista-entrevista-detalle/651/lucia-santaella-as-novas-linguagens-e-a-educacao.html>>. Acesso em 16 out. 2015.

ARENDR, Hannah. **A Condição Humana.** 10 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

BACELAR, Vera Lucia da E. **A Importância da Ludicidade no Desenvolvimento Infantil:** as contribuições de Jean Piaget e André Lapierre podem nos ajudar na compreensão dessa fenomenologia? Disponível em: <<http://www.revistadogepel.faced.ufba.br/artigos/artigo%2007%20-%20a%20importancia%20da%20ludicidade%20no%20desenvolvimento%20infantil.pdf>>. Acesso em 25 out. 2015.

BERLITZ, Angela M. J. **Conhecimento Específico e Pedagógico: uma integração possível na disciplina de metodologia de ensino de Física.** 2009. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de Física)- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS. Disponível em: <<http://professor.unisinos.br/angelab/Metodologia%20de%20Ensino%20de%20F%EDsica/livros.html>>. Acesso em 03 set. 2015

BRASIL. Lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 23 dez.1996. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/CCIVIL\\_03/leis/L9394.htm](http://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/leis/L9394.htm)>. Acesso em: 12 fev.2016.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais:** língua portuguesa. Brasília, 1997.

BUENO, Silveira. Minidicionário da Língua Portuguesa. 2 ed. São Paulo: FTD, 2007.

BURANELLO, E.C.. Os Obstáculos da Produção Textual Funcional. In: **Anais do 5º Encontro do Celsul**, Curitiba-PR, 2003 (470-478) Disponível em: <<http://www.celsul.org.br/Encontros/05/pdf/064.pdf>> Acesso em: 10 jun. 2015.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. O Lugar: mundialização e fragmentação. In: SANTOS, Milton et. al. (Org.) **O Novo Mapa do Mundo**: fim de século e globalização. São Paulo: Hucitec, 1997.

CASTELLS, Manuel. **A Galáxia da Internet**: reflexões sobre a internet a internet, os negócios e a sociedade. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

CASTRO, L. S.; SANTOS, R. S & CRUZ, A.H.S. Educação e Teorias da Aprendizagem: um foco na teoria de Vygotsky. **Revista da Universidade Vale do Rio Verde**, Três Corações, v.11, n.1, p.551-559, jan/jul. 2013. Disponível em: <<http://periodicos.unincor.br/index.php/revistaunincor/article/view/944>> Acesso em 18/09/15.

COBO, Cristóbal; MORAVEC, John W. **Aprendizaje Invisible**: hacia una nueva ecología de La educacion. Barcelona: 2011.

COELHO, C. T. A.; NASCIMENTO, E. A. Imagens de celulares e narrativas de estudantes e professoras de artes de Macapá/AP. **Revista Digital do Laboratório de Artes Visuais**, Santa Maria, ano VI, n.11, p. 172-191 - set. 2013. Disponível em <<http://cascavel.cpd.ufsm.br/revistas/ojs-2.2.2/index.php/revislav/article/view/10735/pdf>> Acesso em 29/12/2015.

COLOMBO, A. A; BERBEL, N. A. N. A Metodologia da Problematização com o Arco de Maguerez e sua relação com os saberes de professores. **Semina: Ciências Sociais e Humanas**, Londrina, v. 28, n. 2, p. 121-146, jul./dez. 2007. Disponível em <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/seminasoc>> Acesso em 05/01/16.

CORRÊA, M. L. G. Letramento e heterogeneidade da escrita no ensino de português. In: SIGNORINI, I. (org.) **Investigando as relações oral/escrito e as teorias do letramento**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2001

DELIBERADOR, L. M. Y.; ALVES, F. A.; LOPES, M. F. A fotografia como linguagem para a formação cidadã. **Discursos Fotográficos**, Londrina, v.9, n.14, p.13-35, jan./jun. 2013. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/discursosfotograficos/article/view/13735/12411>> Acesso em 05/01/16.

DIAS, Luiza Schalkoski; GOMES, Maria Lucia de Castro. **Metodologia do ensino da língua portuguesa e estrangeira**: Estudos dos problemas estruturais aos novos campos de pesquisa. 20. Curitiba: IBPEX, 2008.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. 10ª ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1992.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

\_\_\_\_\_. **A Importância do Ato de Ler:** em três artigos que se complementam. São Paulo: Cortez, 1989.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da Autonomia:** saberes necessários à prática educativa. 21ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

FURASTÉ, Pedro Augusto. **Normas Técnicas Para o Trabalho Científico.** 17. ed. Porto Alegre: Dáctilo Plus, 2013.

KENSKI, Vani Moreira. **Tecnologias e Ensino Presencial e a Distância.** 9ª ed. Campinas, SP: Papirus, 2012.

\_\_\_\_\_. **Educação e Tenologias:** o novo ritmo da informação. Campinas, SP: 2007.

LAVORSKI, Joice; JUNIOR, V. R. A Ludicidade no Desenvolvimento e Aprendizado da Criança: reflexões sobre a educação física, jogo e inteligências múltiplas. Disponível em: <<http://www.globalfitness.com.br/portal/artigos-cientificos/a-ludicidade-no-desenvolvimento-e-aprendizado-da-crianca-na-escola-reflexoes-sobre-a-educacao-fisica-jogo-e-inteligencias-multiplas/>> Acesso em 25/10/2015.

LEAL, T. F.; GOIS. S. (Coord.) **A Oralidade Na Escola:** a investigação do trabalho docente como foco de reflexão. Belo Horizonte: Autentica Editora, 2012.

MOREIRA, R.. **Para Onde Vai o Pensamento Geográfico?:** por uma epistemologia crítica. São Paulo: Contexto, 2006.

MORIN, Edgar. **Os Sete Saberes Necessários à Educação do Futuro.** 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2000.

PALLOFF, Rena M; PRATT, Keith. **O Estudante Virtual.** Porto Alegre: Artmed, 2004.

PARENTE, André. **O Virtual e o Hipertextual:** A rede como paradigma da contemporaneidade. Rio de Janeiro, 1999. Digitalizado. não paginado.

REZENDE, L. A.; FRANCO, S. A. P.; MARQUEZ, L. Fotografia e leituras de mundo: arte e educação. **Discursos Fotográficos**, Londrina, v.9, n.15, p.113-138, jul./dez. 2013. Disponível em: <[http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/discursosfotograficos/article/view/13448/pdf\\_4](http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/discursosfotograficos/article/view/13448/pdf_4)> Acesso em 29/12/2015.

ROCHA, Ruth; ROTH, Otávio. **Azul e Lindo: planeta terra, nossa casa.** São Paulo: Salamandra, 2004.

ROSS, Paulo Ricardo. Aprendizagem e Conhecimento: fundamentos para as práticas inclusivas. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 24, n. Especial p. 273-299. Jul/dez. 2006. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/viewFile/10605/10132>> Acesso em 21 ago 15.

ROSA, E. I. S. A Percepção de Alunos do Ensino Médio Sobre a Realidade Socioambiental:....In: ROSA, M. B.; PALMA, G. B. **Meio Ambiente**: a importância da interdisciplinaridade na formação de um novo profissional. Novas Edições Acadêmicas, 2013. p.198-215.

SANTAELLA, Lucia a. Educação Tradicional e Educação Ubíqua. **[Entrevista disponibilizada em 07 de novembro de 2011, a Internet]**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=gvhAmHXtESE>> Entrevista concedida a Tarcísio Cardoso. Acesso em: 05 jan.2016.

\_\_\_\_\_.b. Linguagem, Pensamento, Mídias, Hibridismo e Educação. **[Entrevista disponibilizada em 07 de novembro de 2011, a Internet]**. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=laNhz7Kf1Ac>>. Entrevista concedida a Lorena Vicini, Tarcísio Cardoso e Gustavo Rick. Acesso em: 05 jan.2016.

SIGNORINI, I. **Investigando a Relação Oral/Escrito e as Teorias do Letramento**. Campinas-SP: Mercado das Letras, 2001.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da Pesquisa-Ação**. 18. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO. Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Curso de Especialização em Psicopedagogia – à distancia. **Caderno Construção do Conhecimento I**. Rio de Janeiro: Centro de Estudos de Pessoal. 1998.

VICENTIN, M.C.G. **A vida em Rebelião**: jovens em conflito com a lei. São Paulo: Hucitec, 2005 p.17-60.

WERNECK, Vera Rudge. Sobre o Processo de Construção do Conhecimento: o papel do ensino e da pesquisa. **Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação (online)**. Rio de Janeiro, v.14, n.51, p. 173-196, abr./jun. 2006. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/ensaio/v14n51/a03v1451.pdf>> Acesso em 21/08/2015

## ANEXOS

### ANEXO A- TEXTO INICIAL

#### AZUL E LINDO: PLANETA TERRA, NOSSA CASA.



Este é o planeta Terra. De longe ele é assim: azul e lindo. É aqui que nós moramos e é aqui que nós vamos morar para sempre. Nós, nossos filhos e os filhos de nossos filhos.

Há muito tempo que o homem vem tentando conhecer melhor o universo. Nesta busca são usados telescópios cada vez mais poderosos, foguetes capazes de ir cada vez mais longe, antenas cada vez mais aperfeiçoadas.

Mas por enquanto não se conhece no universo inteirinho um planeta como este: onde haja ar, onde haja água, onde haja vida!

Mas para que a Terra continue a nos dar tudo aquilo de que precisamos para viver, temos que cuidar dela como cuidamos da nossa própria casa. Melhor ainda, pois da nossa casa nós podemos nos mudar, da Terra não.

E nós sabemos que não estamos tratando da Terra como deveríamos. Por isso os membros da

Organização das Nações Unidas preocupam-se com o meio ambiente. Várias reuniões já foram feitas para discutir esse problema.

E destas reuniões têm saído declarações, manifestos e planos de ação que tentam estabelecer o que pode ser feito para evitar que a Terra – a nossa Terra – a nossa casa – venha a se transformar num ambiente hostil, com muitos desertos, águas envenenadas, florestas devastadas, onde seria impossível viver.

Essas declarações, manifestos, planos de ação dizem mais ou menos o seguinte:

Todos os homens são iguais e, portanto têm o direito de viver bem, num ambiente saudável.

Todos têm o dever de proteger e respeitar o meio ambiente e a vida em todas as suas formas.

Os recursos da Terra, o ar, a água, o solo, a flora e a fauna devem ser protegidos, para o bem das criaturas que ainda vão viver no futuro.

Devemos, por isso, estudar cuidadosamente o que vamos fazer para proteger o nosso planeta.

A natureza deve ser utilizada com inteligência e todos devem ser beneficiados com o seu uso, pois os recursos da terra são limitados.

O ar que envolve a terra e que faz deste planeta um lugar tão especial, onde pode existir a vida. Não podemos permitir que o ar seja envenenado por gases, por fumaça e por poeira que nós mesmos produzimos.

Todos devem lutar para que não se poluam as águas, os mares, os rios, os lagos, que nos dão riquezas, alimento, transporte e diversão.

O solo é muito generoso conosco, nos dá madeira e argila para as nossas casas, ferro, cobre, alumínio para as nossas indústrias, petróleo e carvão que produzem energia e muito mais. Mas o mais importante que o solo nos oferece é o nosso alimento. É uma questão de bom senso e de inteligência não poluir a fonte desses alimentos.

Nosso planeta levou muitos anos para se tornar o que ele é.

A destruição de uma ou mais espécies vivas desequilibra a natureza e pode trazer consequências graves para a humanidade. O homem deve viver em harmonia com todos os seres vivos.

Quando interferimos na natureza precisamos ter cuidado para não prejudicar o que levou milhões de anos para ser construído.

O que recebemos de nossos pais deve ser entregue a nossos filhos, melhorado e não destruído.

Temos que acabar com a poluição e inventar maneiras de viver melhor, sem desperdício, sem envenenar a natureza, respeitando os seres vivos, porque assim seremos todos mais saudáveis e mais felizes.

É justo que todos os povos queiram melhorar de vida.

Os governos devem se juntar para fazer planos para aproveitar melhor os recursos de todos, porque vivemos todos na mesma casa e o que se faz num lugar tem consequência no outro.

Ajudando uns aos outros todos podem se desenvolver, sem prejudicar o meio ambiente das cidades e dos campos.

Tudo o que a humanidade sabe hoje, toda a ciência, deve ser usada para descobrir novas formas de viver, para evitar todas as formas de desperdício e para combater todas as formas de poluição.

Devemos, para isso, olhar mais para a natureza, procurar compreendê-la e aprender com ela.

É preciso educar políticos, cientistas, professores e até governantes, que devem olhar mais para os povos e os grupos que vivem com simplicidade, sabedoria e em harmonia com a natureza.

Deveriam olhar como vivem outros povos, pois cada um com sua própria maneira de viver têm muito para ensinar aos outros.

Cada um de nós deveria viver de maneira a não ferir a natureza, de maneira a ajudar a preservação da vida.

Todas as nações do mundo devem tomar conta daquilo que pertence a todos nós – a Terra e seus sistemas de preservação da vida.

Assim, nossa herança mais preciosa, a Terra, estará garantida para nós, para nossos filhos e para os filhos de nossos filhos. Para que o nosso planeta continue a ser o que ainda hoje é: azul e lindo.

Ruth Rocha e Otavio Roth

## ANEXO B – RELAÇÃO DOS PROBLEMAS

### Grupo Vila Natal (A)

- Violência: traficantes e usuários/policia;
- Lixo espalhado nas ruas;
- Esgoto a céu aberto;
- Muitos problemas de saúde- tuberculose;
- Animais soltos nas ruas;
- Crianças brincam nas ruas-não tem espaço para lazer.

### Grupo Vila Lídia(B)

- Problemas com o lixo;
- Esgoto sem tratamento;
- Muitos animais sem dono e com doenças;
- Crianças sem espaço para brincar.

### Grupo da Vila Arco-Íris(C)

- Falta de segurança: violência provocada pelo tráfico de drogas;
- Lixo espalhado pelas ruas;
- Animais largados, sem dono com fome, sarna e que espalham o lixo.
- Falta de trabalho: muita gente desocupada;

- Falta de respeito dos governantes para com as pessoas.

## ANEXO C- CARTA A PREFEITURA

Santa Maria, 06 de maio de 2015

Senhor Secretário do Meio Ambiente, Antonio Carlos Lemos

Somos alunos da Escola Y e nosso grupo reside na Vila Lúcia. Estamos realizando uma pesquisa com a professora Elaine Rosa na disciplina de Ética e Cidadania, onde observamos vários problemas ambientais onde moramos.

O problema que julgamos mais complicado é o abandono dos animais, que sem donos, morrem atropelados, com doenças e com fome, além de espalharem o lixo na rua em busca de comida.

Estamos trabalhando neste projeto e buscamos apoio para amenizar ou resolver este problema.

Contamos com sua atenção e nos colocamos a disposição para desenvolver alguma ação em conjunto com esta secretaria, cuja possa estar ao nosso alcance.

Atenciosamente  
Alunos da escola Y